Voz de S. Antonio

Revista mensal illustrada

Abençoada por S. S o Papa Leão XIII pe- [illegible] e varios Prelados.

N.º 1

JANEIRO
SÉRIE 4.ª
8.º anno

CHRONICA LIGEIRA

Almanach de Santo Antonio

Um vol. de 311 pag. illustrado. Preço 250 réis (brochado), 320 réis (encadernado). — Pedidos acompanhados da respectiva importancia, á Redacção da «Voz de Santo Antonio», Braga; ou aos correspondentes da mesma revista.

«Cá o temos, garrido e moralisador como sempre, a visitar-nos mais uma vez.

E' reaccionario, como por ahi está em moda chamar-se aos que se apresentam a defender os principios religiosos, mas ama o progresso com entranhas de pae amorosissimo, porque d'anno para anno nos apparece melhor trajado e mais bem falante.

Diz nos modestamente que não vem disputar primasias aos seus irmãos mais velhos, mas apenas proseguir na sua modesta e despretenciosa tarefa de propagar a boa doutrina d'um modo a um tempo util e agradavel.

Crêmos que não tenha pretensões de disputar primasias; mas apresenta-se de modo tão distincto que os irmãos mais velhos, vêndo-o tão appetitoso e recommendavel, abrem-lhe respeitosamente caminho e deixam-no passar triumphante, reconhecendo que a justiça lhes impõe o dever de entoar o

Cesse tudo que a antiga musa canta
Que um melhor Almanach se alevanta.

O seu fim é moralisar gracejando e gracejar moralisando. E consegue-o. Nas suas 312 paginas não se encontra uma maxima que não moralise. Quanto a graça, tem-na ás mãocheias, espalhada profusamente por todo o livro, — graça leve, fina, espirituosa, que desopila o baço e deixa o leitor saudoso das horas que conversou com tão bom amigo.

A collaboração, distincta e escolhida, é bastante variada. Gravuras excellentes, e muitas d'ellas originaes. Uma novidade: contos ligeiros, acompanhados de gravuras, á Raphael Bordallo, que nos fazem contorcer de riso.

Que mais dizer do *Almanach de Santo Antonio* para que todos corram a compral o? Apenas isto: que é um ovo por um real, agora que elles (os ovos) estão pela hora da morte — a 250 a duzia. E a 250 réis se vende cada exemplar do Almanach, brochado, custando 320 réis áquelles que o quizerem encadernado.

Por ultimo: Que Deus encha de bençãos os redactores d'*A Voz de Santo Antonio*, que, não contentes com nos darem todos os mezes leitura que conforta a alma, se não dispensam de nos mimosear todos os annos com o bello piteu do seu inimitavel e prestimoso Almanach. Por tantas mercês lhes beijamos com reconhecimento as mãos.

E — ávante ávante! — embora a tempestade ruja, ameaçadora e terrificante. Dos fracos não reza a historia nem no Céo se dá premio a quem não trabalha com recta intenção e com o alvo de para lá encaminhar as almas, para conseguir o que ha vias differentes, sendo uma das mais curtas as publicações que levantam o espirito para Deus e fazem germinar na alma pensamentos alevantados e christãos.

O Almanach vende-se no Porto nas livrarias dos snrs. Machado & Costa e Aloysio Gomes, no largo dos Loyos».

(*A Palavra*, n.º 169).

«311 paginas, bella impressão, excellente papel, artigos serios, maximas, anecdotas, poesias, gravuras de assumpto sacro, de architectura, paisagens e de scenas comicas, tudo faz que este Almanach consiga o seu intento de «moralizar gracejando e gracejar moralizando» e que seja realmente o primeiro no seu genero, ainda que «não vem disputar primazias.»

(O *Novo Mensageiro*, Fevereiro).

«Já nos tardava este amigo carinhoso, que faz as delicias dos nossos queridos operarios nas noites longas d'inverno. Elle cá está agora, sobre a meza da bibliotheca do nosso Circulo Catholico do Porto, disputado como precioso manjar por todos aquelles que procuram leitura para desannuviar o espirito e confortar a alma.

Saboreia-se como toicinho do céo. Percorre-se uma pagina, soltam-se francas gargalhadas, trocam-se alguns commentarios approvativos e:

— Vira folha! vira folha! Venha de lá mais e gritam os ouvintes para o leitor, que lê devagar, sublinhando as phrases mais causticantes ou eroticas.

Ali ha de tudo, graças a Deus, como na botica: poesias, anecdotas, contos illustrados com gravuras, descripções historicas, etc.

Abençoadas mãos que compilaram tão excellente Almanach!

Cá de longe, em nosso nome e no dos nossos companheiros operarios, damos em espirito, já que o não pudemos fazer em corpo, um apertado abraço aos illustrados redactores d'*A Voz de Santo Antonio*, e lhes bradamos:

— Muito obrigados! Para o anno cá esperamos nova visita para nos proporcionar algumas horas de agradavel e util prazer.

O Almanach custa 250 réis em brochura e 320 encadernado».

(*Grito do Povo*, n.º 135).

«Acabamos de receber este interessante Almanach para 1902, o primeiro, ou talvez o unico no seu genero que se publica no paiz, e que, pela quarta vez, apparece á luz da publicidade na cidade de Braga, sempre correcto e de anno para anno muito melhorado.

Inserindo, além do calendario e varias indicações de interesse geral, magnificas composições poeticas e litterarias, anecdotas, pensamentos, historias com illustrações adequadas, publica tambem muitas e soberbas photogravuras, a cuja impressão pena foi não ter presidido um pouco mais de cuidado, pois que a disposição, no seu conjuncto, é agradavel.

Esta circumstancia, porém, em nada faz desmerecer o valor do livro que temos presente, e que, nas suas 312 paginas e em cada um dos 365 dias do anno, se lê e aprecia uma joia poetica, uma perola litteraria, um dito engraçado, etc., etc, mas tudo de harmonia com a sua indole, finalmente um precioso repositorio de boa e sã leitura que não temos duvida em recommendar aos nossos leitores.

A capa é um magnifico specimen de chromo-gravura, clichés das officinas de gravura do *Commercio do Porto*, e impressas na Typ. Universal de Braga.

A' excepção da capa, a composição e impressão do *Almanach de Santo Antonio* foram feitas na Typ Minerva, de Famalicão.

O preco d'esta interessante publicação é de 250 réis encadernada, e os pedidos devem ser feitos á redacção da *Voz de Santo Antonio* — Braga».

(O *Jornal dos Arcos*, n.º 299).

«Para o clero e para os religiosos o *Almanach de Santo Antonio*, publicado pela redacção da bem redigida revista de Braga, *Voz de Santo Antonio*, e que é o 5.º anno em que vê a luz da publicidade,

8.º anno — N.º 1 | 4.ª SERIE | Janeiro — 1902

Voz de S. Antonio

Redacção e administração — Braga

SUMMARIO

Idéas e factos (Com vista á imprensa).
I Parte — *Secção Doutrinal:* Prodigios da fé. — O Beato Odorico. — Fe pratica e operosa. — Indulgencias, etc.
II Parte — *Secção Historica:* Convento e Igreja de Santo Antonio em Aveiro. — Pensamentos. — A Ordem do Santo Sepulchro. — Anecdotas e contos moraes.
III Parte — *Leituras Amenas:* A almofadinha do Menino Jesus.
IV Parte — *Culto de Santo Antonio:* O Pão de Santo Antonio. — Braga. — Vianna.— Covilhã. — Idanha-a-Nova. — Villar.—Barcellos.—Lisboa.—Ouro Preto, etc. — Recommendações. — Os nossos defuntos.
V Parte — *Secção Scientifico-Litteraria:* A Gréve, suas causas, agentes e leis. — Era um Santo (poesia). — Bibliographia: livros, revistas e jornaes. — As nossas illustrações.
VI Parte — *Chronica Universal:* Roma. — Portugal. — França. — Inglaterra e Transvaal. — Goa. —De Lisboa á Beira.
Gravuras: Fugida para o Egypto. — Sanctuario de Nossa Senhora do Monte (Funchal). — Porto da Beira (Moçambique).

Editor — D. J. de Souza Gomes.

Pap. e Typ. Universal — Augusto Costa & Mattos.

OBRADO já o difficil cabo das tormentas que a impiedade furiosamente desencadeou n'este nosso bello Portugal, vem a *Voz de Santo Antonio* felicitar-se mais uma vez por ter, não dizemos já aferrado o porto de salvamento, mas por lograr esperanças ainda mais fagueiras do que as que no anno passado lhe sobredoiravam os horizontes do porvir.

E felicitando-se a *Voz de Santo Antonio a si,* felicita junctamente os seus muitos amigos, que os tem bemdito seja Deus, os seus assignantes e os seus leitores, os dignos directores locaes da *Pia União e do Pão de Santo Antonio* e a maior parte de seus collegas de imprensa que tão boa camaradagem lhe téem prestando.

Circumstancias imprevistas e desagradaveis incidentes motivaram ás vezes certas irregularidades no bom andamento administrativo da *Voz de Santo Antonio.* D'ellas nos perdoáram já, porém, os nossos leitores, conscios como são das muitas difficuldades com que vem eriçado o caminho jornalistico em Portugal.

A' parte porém estes senões, que os ha em todas as obras humanas, o proposito da *Voz de Santo Antonio* continúa sendo o mesmo que a evocou á luz da vida ha bem 7 annos. O mesmo na vontade decidida de trabalhar pelo triumpho da verdade catholica, á sombra do glorioso Thaumaturgo Portuguez; o mesmo no desejo ardente de concorrer na medida de suas forças para a mais larga profusão da boa imprensa; o mesmo na fir-

meza tenaz de communicar aos numerosos associados da Pia União de Santo Antonio, que é catholica em toda a accepção da palavra — o espirito e as obras d'aquelle grande Thaumaturgo que foi gloria e lustre do mundo, e de Portugal.

IDÉAS E FACTOS

(COM VISTA Á IMPRENSA)

Todo o homem que trava da penna para elaborar uma these e desenvolver um trabalho qualquer—historico, litterario ou scientifico, — deveria entrar-se bem da alta responsabilidade que lhe incumbe perante os seus leitores. Elles tem rigoroso direito a não serem desorientados por vãs e chimericas concepções, muito embora sejam apresentadas com o colorido fascinador da arte, ou com a fingida opulencia d'uma rethorica avariada.

Cabe ao timoneiro a governação da nau, para ella não ir a pique. A criterios seguros, ao bom senso e á fina educação deveria entregar-se exclusivamente a arriscada missão da imprensa.

O objectivo da imprensa é, ou deve ser — á verdade. A verdade, pois, tem de ser a primeira e a ultima palavra que afflore aos labios do jornalista, o anceio mais permanente de seu coração irrequieto, a irradiação mais lucida de sua intelligencia creada para saber.

A verdade é essencialmente christã. Por onde, diz Santo Agostinho, o primeiro christão foi o primeiro defensor da verdade, como o ultimo christão será o ultimo defensor d'ella.

O jornalista que assim se rendesse aos suaves influxos da verdade, quando estivesse no termo de sua tão espinhosa jornada, poderia bem repetir as palavras de Veuillot: — *Nunca peguei na penna, que não fizesse orar um pouco.*

*

* *

Mas importa não esquecer desde já que a primeira fonte da verdade é a revelação corrigindo a razão, a theologia alargando a philosophia, a ordem sobrenatural illuminando a natural.

A fé, disse aquelle conspicuo Senado dos Padres do Concilio Vaticano, a fé não foi contradictora da razão. Militam em campos distinctos, não contrarios, nem muito menos contradictorios. São duas linhas a correr parallellas até ao indefinido, para se não encontrarem senão em Deus.

Debatem-se furiosamente com vãs utopias os fautores do racionalismo. Elle é *anti-social*, porque dá livre passaporte ao erro, e nem o individuo nem a sociedade vivem do erro. E' *immoral* porque dá fóros de cidadão ao crime, e a moralidade é flôr mimosa que só vegeta no regaço da virtude. E' finalmente *antiphilosophico*, porque a philosophia apoiada na razão prova com evidencia irrefragavel que a intelligencia humana não póde abraçar a verdade toda.

Taes são as bases racionaes sobre que assenta a prescripção da autonomia livre. A philosophia da historia não menos que á historia da philosophia em vez de repudiar esta prescripção, perfilham-n'a experimentalmente. A' ordem das idéas responde a ordem dos factos. O povo será como o fizerem os philosophos, e as grandes revoluções foram sempre predispostas

pelos arautos do pensamento que tambem tem as suas revoluções.

*

* *

Ninguem ignora que nos defrontamos hoje com o gravissimo problema da *questão social*. Todos fallam d'elle, todos se preoccupam com elle, todos vêem n'elle qualquer coisa summamente importante e perigosa, uma ventura ou uma fatalidade, uma aurora feliz ou um prenuncio desastroso.

Pois essa questão monstruosa e a razão d'ella não póde o homem sensato ir buscal-a na lobrega officina, nem na fabrica esfumarada, nem nas exigencias do operariado, nem em nada d'isto. O problema social tem mais fidalga prosapia. Se elle fosse personalidade, diria eu circula-lhe nas veias sangue de philosopho.

O proletario forma a massa popular inconsciente; é a materia prima que no dizer dos philosophos não existe senão actuada por uma forma.

O povo é naturalmente bom; ignora muitos males e ignorando-os não se enamora d'elles, porque *ignoti nulla cupído*.

D'onde vem então esse mal gravissimo? Promana da idéa, da philosophia desvairada, da infrene licença do pensamento, das paixões ruins, do coração gasto de prazeres e divorciado do Evangelho.

Essa ordem ideal nos tempos idos estava personificada nos grandes doutores, nos homens reflectidos e de caracter firme. Com a invenção da imprensa passou ella a ser a sua representante.

A imprensa é hoje o vehiculo da idéa. Graças á sua admiravel organisação a idéa propaga-se com a rapidez do relampago, penetrando nas plagas mais inhospitas que ignoram o codigo unico de verdade — o Evangelho, mas não ignora a folha volante. O mundo pensa como o jornal.

O jornal, dizia o anno passado Eugène Tavernier n'um magistral discurso ácerca da imprensa no seculo XIX, o jornal é a expressão da sociedade.

Sendo irrespondiveis estes principios, poderia um espirito observador perguntar qual a razão porque uma boa parte da imprensa erra fundamentalmente a idéa palmar, que devêra dominar toda a publicação? A esta profunda observação não se satisfaz com a decantada liberdade humana ou com a permissão divina. Uma resposta categorica seria a que em caso analogo deu Balmes a um sceptico, que o interpellava acerca da existencia das muitas religiões.

A razão, disse-lhe o philosopho, buscae-a no desvario do primeiro homem; mas se me perguntaes qual a razão do primeiro desvario não vos sei responder. A liberdade humana, como a permissão divina, são apenas condições sem as quaes não prevaricará o homem.

Não obstante, como o primeiro homem peccando incorreu n'um terrivel reato, assim a imprensa propaladora do erro incorre n'um grande reato, tão grande como o escandalo com o qual tende a dissolver a sociedade inteira.

Sendo isto assim, seria licito esperar uma conversão geral da imprensa tresvariada para o seu destino. Mas como a resipiscencia nos grandes peccadores é uma obra milagrosa e Deus não é obrigado a fazer milagres para converter o homem, assim é que d'uma certa imprensa desbragada e já familiarisada com o erro não ha que esperar.

Todavia senão esperamos alcançar o optimo não nos acobardemos tanto que renunciemos de attingir ao menos o bom. Dizem que a lira ao principio teve só tres cordas: hoje tem vinte e nem por isso a historia expungiu de suas paginas o nome de seu inventor.

A acção contrapunhamos acção; á força oppunhamos força e d'este modo conseguiremos ao menos um certo neutralismo e equilibrio que já é um grande bem. E' este o pensamento do já citado Luiz Veuillot quando a respeito da imprensa escrevia em 1871: «*durante minha vida tenho sido jornalista, mas não amo a imprensa; poderia mesmo dizer que a odeio; mas ella pertence á respeitavel serie dos males necessarios. Os jornaes constituem hoje um tal perigo que se torna mister fundar muitos. A imprensa não póde ser combatida senão pela imprensa. A torrentes accrescentemos torrentes, que umas se desfaçam contra as outras até formar um grande mar. O mar tem seus momentos de calmaria. Talvez lá dentro seja possivel fundar uma Veneza.*»

Secção doutrinal

Prodigios da Fé

A FÉ é a primeira virtude theologal, que nos faz crêr com firmeza e submissão tudo o que Deus revelou nas Sagradas Escripturas, e que a Egreja nos propõe na sua linguagem escripta ou fallada (D. Thom. 2, 2, q. 1).

A fé elevando a alma acima da natureza, mostra-lhe Deus como a primeira verdade que não pode enganar, nem ser enganada, e isto firma tão solidamente a certeza da alma, que ella não crê com mais firmeza as coisas asseguradas pelas suas faculdades do que as descobertas pela luz da fé.

Ao passo que a fé se vae apagando no mundo, enfraquece tambem a sua acção, obnubilam-se as intelligencias e esfriam-se os sentimentos do coração, gelado pelo *scepticismo*, pela indifferença religiosa e pela incredulidade. Viver da fé, é não ter outra regra nos juizos senão a verdade de Deus, não ter nos affectos outra mira senão a caridade de Deus, e nos seus passos outra luz senão a vontade de Deus. Porisso a vida da fé opera no justo uma certa transformação em Deus, que deve consummar-se na gloria. *Somos transformados na sua similhança de claridade em claridade pela illuminação do espirito do Senhor* (1 Heb. x, 88): Tranformação da intelligencia pela conformidade de vistas, transformação da vontade pela conformidade de affectos.

Não são sómente as almas privilegiadas, os santos de virtudes heroicas como S. Antonio de Lisboa, o objecto das attenções da Providencia. Tambem aos humildes diz o Senhor: *Os cabellos da vossa cabeça estão contados, não temaes pois.* Que dôce confiança inspira ao homem de fé, a certeza de que todos os acontecimentos da vida são dirigidos por um poder, uma sabedoria, e uma bondade infinita! Não póde temer peccados de presumpção no pensamento que lhe é dictado e mandado pelo mesmo Deus.

*

Não nos limitemos a deplorar no povo a falta de fé, e por consequencia o resfriamento da caridade para com Deus e para com o proximo, mas trabalhemos firmemente em accender em nós a dupla chamma da fé ~~e do~~ amor com a meditação continua da verdade. E' por falta d'este alimento quotidiano, que a nossa alma resvala n'uma languidez e fraqueza deploraveis. *O justo vive da fé*, diz S. Paulo aos Hebreus. Achamos todos os pensamentos da fé bellos e consoladores, mas diz o Salvador: — *Se vós sabeis estas coisas, sereis felizes, quando as pozerdes em pratica.*

Para reagir contra nós mesmos, e cumprirmos a vontade do Senhor, estudemos no nosso amavel modêlo S. Antonio, o que póde deante de Deus e dos homens uma alma cheia de fé.

Depois dos tempos apostolicos, o nosso

bemaventurado Santo é um dos maiores thaumaturgos da historia. Parece que S. Francisco o fez herdeiro privilegiado das suas virtudes, que do seu espirito seraphico e da influencia do seu apostolado não póde duvidar-se. Os povos da edade media estavam longe da perfeição. Podemos affirmar seguramente que eram violentos, corrompidos e ignorantes. Estas disposições abriam caminho franco ás heresias e á superstição. S. Francisco tinha começado a fundar conventos por toda a parte, na Italia, na França, em Portugal, na Hespanha, e em toda a Europa; estes conventos eram verdadeiras cidadellas da fé.

Pouco depois da morte de S. Domingos e dos heroes da primeira cruzada contra os Albigenses, S. Antonio foi enviado á França. Brilharam n'elle sobremaneira dois elementos, — fé e vigor. Estava tão bem fornecido, diz um auctor anonymo, de textos da Sagrada Escriptura, suas provas

FUGIDA PARA O EGYPTO

eram tão solidas e tão evidentes, que os mais intrepidos defensores do erro não ousavam apparecer na sua presença, nem abrir a bocca para contradizer as suas affirmações.

Antes de deixar Portugal, antes de vestir o grosseiro saial franciscano, a fé já tinha feito germinar no seu coração um dos mais bellos effeitos que inspira a muitos dos que a possuem. Como os Patriarchas dos Menores e dos Prégadores, S. Antonio sentia-se devorado por um desejo ardente de verter o sangue por Deus e pela Egreja. Para cumprir o seu desejo, pouco tempo depois de entrar na Ordem, alcançou licença para ir prégar Jesus Christo a Marrocos, com perigo certo de perder a vida. Mas as suas esperanças tão generosas não se realisaram.

Conquistado o merito d'um martyrio que ardentemente anhelava, quiz o Senhor que elle irradiasse milhares de almas com a luz da fé que tão brilhantemente embellezava a sua. Não podemos duvidar que, no meio da sua admiravel submissão á vontade de Deus e dos seus superiores, sempre o animava o pensamento do martyrio.

Eis um facto mui tocante occorrido em Puy-en-Velay:

Encontrava o Santo repetidas vezes nas ruas um homem de alta classe, mas de vulgar reputação e costumes pouco recommendaveis: apenas o via, lançava-se de joelhos a seus pés, e inclinava-se respeitosamente.

O homem, irritado com tão immerecida saudação, olhava-o severamente, até que um dia, desesperado com a cortezia do santo, lhe disse:

— Que significa essa ridicula ceremonia? Se eu não temesse a Deus, já te haveria atravessado com a minha espada!

— Meu irmão, respondeu docemente o Santo: quasi toda a minha vida desejei morrer martyr, por amor de N. Senhor Jesus Christo. Meus desejos não foram attendidos, mas foi-me revelado, que conquistarias tu a palma do martyrio, derramando pela fé todo o teu sangue. Quando pois soar a hora da morte gloriosa, digna-te recordar-te d'aquelle que t'a annuncia hoje.

Crendo-o um allucinado, começou a rir-se e continuou o seu caminho; mas pouco tempo depois, resolvendo o Bispo de Puy ir prégar a fé aos Sarracenos, sentiu-se assaz sensibilisado com a noticia, e vendendo todos os bens, determinou-se acompanhar o Prelado missionario.

Chegado ao Oriente achou-se tão cheio de zêlo apostolico, que começou a prégar que Jesus Christo era verdadeiro Deus, e Mahomet um impostor. Passados poucos dias foi prezo pelos infieis, torturado cruelmente durante tres dias, e no momento de expirar, lembrando-se do apostolo franciscano, declarou aos carrascos a causa da sua prégação.

Uma mulher de nobre linhagem, vindo bastantes vezes recommendar-se ás orações do Santo para obter uma feliz maternidade, um dia logrou escutar esta exclamação do homem de Deus: — Alegrae-vos! e tende firme esperança que o Senhor vae dar-vos um filho, que ha de ser grande na Egreja, e por fim coroará a sua grandeza com a aureola do martyrio. Annos depois, a prophecia do Santo realisou-se gloriosamente.

O joven Fillipe entrou na Ordem Franciscana, e, mais tarde, á frente de dois mil christãos cahiu em poder dos Sarracenos que o condemnaram á morte. Como elle exhortava calorosamente os christãos, o Sultão irritado, depois de lhe fazer despir parte da pelle, fez que o queimassem vivo. Cercado das labaredas flammejantes, continuava a animar os seus companheiros, e então lhe cortaram a lingua e depois a cabeça. As orações ardentes de S. Antonio tinham sido tão poderosas, como foram as suas prophecias.

Em Burgos, um juiz hereje qualificado de heresiarcha, mas não convencido pelos discursos do Santo, pediu-lhe um milagre promettendo-lhe converter-se elle e toda a sua familia. Tenho uma mula; vou prival-a da comida durante tres dias; terminados estes, iremos a uma praça publica; quando tu apresentares o que dizes ser o Corpo do Homem-Deus eu lhe lançarei deante a comida; se o animal se prostrar, e rejeitar o grão, a minha fé completar-se-ha. O Bemaventurado não rejeitou a proposta; passou os tres dias em oração, macerações e austera penitencia, e no dia aprazado trouxe em suas mãos a Divina Hostia para o logar determinado, e disse: — Em nome de teu Creador que verdadeiramente tenho em minhas mãos, apesar de minha indignidade, te ordeno, animal sem razão, que lhe prestes a reverencia que lhe deves, para que os homens herejes, reconheçam que toda a

creatura deve submetter-se ao Creador, que é todos os dias tocado no altar pelas mãos do sacerdote. No mesmo instante o bruto esfaimado cahiu de joelhos, inclinou a cabeça, e ficou immovel n'esta attitude reverente. A multidão estupefacta gritava d'alegria; o hereje lançou-se aos pés do Santo, adorou em voz alta o augusto mysterio, pediu o Baptismo para si e sua familia e mandou construir uma Egreja dedicada a S. Pedro, sem duvida para honrar em seu patrono a prerogativa da verdadeira fé.

Este milagre operado pelo Thaumaturgo é certamente uma manifestação bem clara da sua santidade. Signal incontestavel do sobrenatural, demonstra a religião prégada pelos apostolos e acreditada pelos povos. Aquelle a quem Deus confere o poder de fazer milagres, não carece d'outro genero de eloquencia; quando falla aos elementos e á mesma morte, a multidão acclama-o e cae submissa a seus pés.

Os milagres segundo o ensinamento do Divino Mestre nos seus evangelhos são o resultado e a recompensa immediata da fé. Se vós, diz aos seus discipulos, tendes fé, podereis dizer a esta arvore, — desenraiza-te e transporta-te para o mar, e ella obedecer-vos-ha! Lemos em S. Marcos que os apostolos viram surprehendidos a figueira amaldiçoada pelo Salvador, pela manhã florida e ao cahir da tarde já secca até ás raizes. «Mestre, diz Pedro, a figueira que amaldiçoastes seccou por completo.» E Jesus respondeu. Tende fé em Deus. Na verdade vos digo, que se alguem mandar lançar ao mar uma montanha, se o crêr sem hesitar, assim se fará. Eis porque eu vos digo; tudo o que pedirdes na oração, crêde que o recebereis e se vos dará tudo. Nos primeiros tempos da Egreja, periodos de fé, os milagres eram inumeraveis.

A curta existencia de S. Antonio, pelos fins do seculo XIII, foi um compendio de maravilhas, de prodigios brilhantes. Resuscitou mortos e teve um poder admiravel sobre os demonios e sobre os elementos. Quando lhe dirigiam alguma supplica, erguia as mãos, recolhia-se em oração, fazia o signal da cruz, e os milagres succediam-se.

Em França e sobretudo em Limoges, prodigalisou os mais beneficos favores. Foi-lhe revelado o logar abençoado em que lograria receber nos seus braços o Divino Mestre na fórma de menino. Presentiu que as grutas austeras de Brive, testimunhas das suas penitencias, das suas contemplações e dos seus extasis seriam honradas e abençoadas pela presença da sua gloriosa Soberana Maria Santissima, e que realisando-se mais uma vez as prophecias do *magnificat*, as gerações ahi viriam proclamar as glorias da Virgem, orando e invocando aquella, cuja viva fé e ardente apostolado o attrahiram a este logar, venerado pelas multidões.

Se os milagres hoje são mais raros, é porque não temos Thaumaturgos como S. Antonio, nem a fé que o animava.

No entanto quando os nossos intrepidos missionarios, filhos de S. Francisco e coirmãos de S. Antonio, vão, inspirados por uma fé sobrehumana, sacrificar suas vidas e offerecer-se ás mais crueis torturas, para fundar n'essas remotas paragens novas christandades, repetem-se os milagres, como nos tempos primitivos da Egreja. Ahi temos provas convincentes do poder supremo da fé.

Actualmente a Egreja atravessa um periodo medonho. O horizonte humano está carregado de nuvens que ameaçam um cataclismo universal. S. Antonio offerece-nos dois remedios, que elle mesmo empregou na regeneração dos nossos antepassados: — *A oração e a fé.*

Vamos pois junto dos seus altares e das suas imagens meditar a grande licção da sua vida e dos seus exemplos. Imploremos a fé e façamos reviver os germens indeleveis infundidos na nossa alma, pelo Baptismo. Recordemos a sublime palavra de S. Paulo realisada litteralmente em S. Antonio: *O justo vive da fé!*

Examinemos á luz da fé as difficuldades, as penas, os obscuros problemas da nossa humilde existencia pessoal, e resolvamo-nos caminhar á luz d'esta divina chamma. Façamo-nos familiares das orações jaculatorias e das invocações que nos apresenta o Santo Evangelho: — Senhor augmentae a minha fé! — Jesus filho de David tende piedade de mim! — Senhor fazei que eu viva! — Senhor ensinae-me a orar!»

Roguemos ao grande thaumaturgo que nos infunda no coração a virtude da fé, e apoiados no seu caridoso soccorro caminha-

remos como S. Pedro, repetindo: *Eu creio! Senhor! auxiliae a fraqueza da minha fé.*

Santo Protector para o mez de Fevereiro

O Beato Odorico de Pordenona. — Que diremos nós, pondera Mgr. de Ségur, que diremos nós da perfeição de sua vida claustral!

Orações continuas e ardentes, mortificações tão austeras que espantam a propria natureza, jejuns a pão e agua em quasi todo o anno, malhas de ferro eriçadas de agudas pontas por sobre uma unica tunica que trazia, viagens sempre descalço sob os ardores d'um sol calcinante como ao pezo d'um rigoroso inverno, humildade grande que o subtrahiu a todos os cargos da ordem, austeridade para comsigo e benignidade para com os outros, serenidade no olhar e suavidade no fallar, um anjo emfim na terra — é o que nos dizem de Odorico os seus biographos.

Ao sahir do retiro onde se occultára por algum tempo, entrega-se todo á prégação e o seu ministerio é visivelmente abençoado por Deus. Toda a gente o escuta attentamente, correm todos para o pé de seu pulpito, faz-se um objecto de edificação universal

A's suas exhortações energicas e profundas renasce a compunção nos corações.

Os peccadores entram na senda da virtude e sollicitam o favor de expiar nos claustros uma vida desregrada.

Com o poder grande de suas palavras junta-se a auctoridade de seus prodigios que são falados por toda a parte. Concebe então o proposito de se consagrar ás missões de Asia, e sollicita a graça de misturar seus suores aos de seus irmãos que já lá estão cultivando a terra safara da infidelidade. O Ministro Geral annuiu, e Odorico foi um dos maiores apostolos franciscanos. 1)

*
* *

Ardendo em zelo pela salvação das almas, como notam os Bollandistas, Odorico percorreu quasi todo o universo para as salvar: — *Lucrandarum zelo animarum universum fere orbem peragratus est.* Nunca talvez algum apostolo corresse mais terras e fosse exposto a maiores perigos.

Embarca em Veneza, passa a Constantinopola, atravessa o mar negro, abordá a Trebizonde, percorre a Armenia, a Persia, a Tartaria, semeiando por toda a parte a divina palavra.

Envereda depois para as Indias, visita successivamente as costas de Malabar, o cabo Camorim, as Ilhas de Java e de Ceylão, penetra na China, demora tres annos em Pekin, volta ao Thibet, evangelisa a Persia e entra alfim na Europa para recrutar mais soldados na sua gloriosa milicia, e é chamado ao eterno repouso pelo supremo dador de todos os bens.

*

1) V. Mgr. de Ségur, *Nos Grandeurs em Jésus*, part. II, liv. IV, pag. 259.

A quantos perigos se não expoz este valente soldado da fé, quantos suores e fadigas não teve que supportar, quantos annos de amargas privações não passaria, já em desertos espantosos, já em florestas medonhas!

Que bello exemplo para todos, mas principalmente para os que se acobardam em face dos perigos e do respeito humano!

Os trabalhos de Odorico valeram-lhe a conversão á fé de 20:000 infieis, segundo o calculo de seus irmãos no apostolado. Morreu em Udina, esgotado de forças, com 45 annos de edade.

Virtude a imitar

Fé pratica e operosa. — Como o d'este valente missionario, como a de Santo Antonio (V. o artigo *supra*: PRODIGIOS DA FÉ), como a de todos os santos que não se contentavam com vãs theorias, mas externavam em obras de sacrificio e dedicação pelas almas a sua fé.

*
* *

A FÉ é um dom de Deus, uma luz sobrenatural, um (digamos assim) telescopio que nos revela um mundo superior d'uma magnificencia incomparavel.

Ha no universo corpos que nós vemos, ha espiritos que não vemos e que estão unidos aos corpos, ha anjos, ha Deus, espirito purissimo que sustenta e alenta toda a hierarchia dos seres.

O mundo dos corpos reflecte-se nos olhos como em espelho clarissimo. Para entrarmos no mundo dos espiritos deu-nos Deus os olhos da intelligencia que nos é commum com os Anjos.

E n'um excesso de bondade quiz elevar-nos ás delicias da celeste visão, ajuntando á luz de nossos olhos e da nossa razão os fulgores d'uma fé apostolica, só capaz de nos encher de Deus.

D'est'arte entramos em cheio na ordem sobrenatural, e temos fé certa n'esses espiritos superiores que Deus nos revelou com a mesma fé, emquanto dos seres inferiores facilmente nos enganamos, porque a luz dos sentidos e dos conhecimentos pessoaes é sempre muito escassa.

*
* *

Mas esta *luz sobrenatural da fé* apaga-se lentamente se nós não a reavivarmos cuidadosamente.

Quantas almas não ha no seio do Christianismo que de christãs só teem o nome! São christãs, como uma estatua é um homem, diz S. Gregorio de Nyssa.

Não era assim o glorioso Odorico, protector d'este mez, que á similhança de seu Patriarcha S. Francisco encontrava em Deus *o seu tudo*, olhando para a terra como para um logar de trevas e de morte, não se distrahindo com as bellezas ephemeras, senão para descobrir por detraz d'ellas aquella belleza increada que é o sol das almas puras e crentes.

Para não perder a fé, bateu-a muita vez nas

incudes do sacrificio, da oração e da abnegação.

Eis ahi o nosso exemplo.

Indulgencias Plenarias

Além das que enumeramos no numero de Dezembro (pag. 358), são concedidas aos Terceiros, confessados e commungados, e visitando a egreja, séde da sua ordem, as seguintes:

No dia 2 d'Agosto, INDULGENCIA DA PORCIUNCULA, que se *ganha* TOTIES QUOTIES, a partir das 1 as vesperas até ao pôr do sol do dia seguinte — todas as vezes que se visitar uma egreja ou oratorio publico da 1.ª, da 2.ª, da 3.ª ordem regular, ou uma egreja ou oratorio publico onde esteja erecta canonicamente uma fraternidade da Ordem Terceira secular, com tanto que, confessados e commungados, orem pelas necessidades da Santa Egreja.

Quando recitarem cinco vezes o *Padre Nosso*, a *Ave Maria* e *Gloria Patri* e pela paz da Santa Egreja mais um *Padre Nosso*, *Ave Maria* e *Gloria* segundo as intenções do Summo Pontifice, lucram TOTIES QUOTIES todas as indulgencias que os fieis lucram visitando as Estações de Roma, da Porciuncula, dos Logares Santos, de S. Thiago de Compostella.

Recitando a Corôa Seraphica, chamada das 7 alegrias de N. Senhora, ou dos 7 gozos, lucram a indulgencia plenaria concedida á 1.ª Ordem de S. Francisco.

Das *Indulgencias Parciaes* falaremos no proximo numero.

No mez de Fevereiro

Indulgencias Plenarias

Dia 1 — O B André dos Condes, C. da 1.ª O.
Dia 5 — S. Pedro Baptista e Companheiros Martyres do Japão da 1.ª e da 3.ª O.
Dia 19 — S Conrado de Placencia, C. da 1.ª O.
Dia 21 — S. Angela Mericia, da 3.ª O.
Dia 22 — Santa Margarida de Cortonna, da 3.ª O.

Secção historica

Convento e Igreja de Santo Antonio em Aveiro

AQUI professou no dia 7 de Julho do anno seguinte, sendo Guardião, Frei Lucas de Castello Mendo.

Foi um prégador notavel.

A elle se deveu a construcção da capella da ordem Terceira, junto á igreja d'este convento. E d'essa Ordem, foi elle, em Aveiro, o primeiro Commissario, eleito pela Meza definidôra.

Tambem a elle se deveu a construcção do Recolhimento de S. Bernardino, chamado vulgarmente *das Beatas*, e cuja Egreja servira de Sé desde 1832 até á extincção (de facto) da Diocese aveirense.

Na sua cella, poucas mais coisas se notavam, alem de alguns livros e objectos de devoção e de penitencia.

Foi sempre humilde e de trato affavel, simples e sincero.

Foi Guardião durante cinco annos e mais tempo o seria, se mais annos de vida tivéra.

Pouco antes de morrer, pediu á Communidade que resasse por elle os Psalmos penitenciaes. Invocou os nomes de Jesus e de Maria, sob o titulo de Senhora da Piedade, cuja imagem tinha na sua cella e da qual era muito devoto.

E tendo-se preparado com todos os sacramentos, serenamente acabou a sua peregrinação terrena, em 9 de Setembro de 1681.

Era irmão de Frei Francisco de Monsanto, de quem fallarei e que falleceu no Convento de S. Francisco de Thomar.

*

Frei Manoel do Botão. — Nasceu na Villa, de que tomou o appellido, e que fica perto de Coimbra. Sem paes eram da povoação de S. Lazaro, que tambem não fica longe da mesma Cidade.

Depois de ter concluido os estudos de Theologia na Universidade, retirou-se para o Convento de Santo Antonio dos Olivaes. Tinha então vinte e um annos. No mesmo Convento professou em 28 de Abril de 1625.

Por ser dotado de muita erudição, foi nomeado prégador da sua ordem, o que elle acceitou unicamente por obediencia e pelo desejo de prestar serviços ao mesmo instituto.

Depois de haver exercido por mais de vinte annos o ministerio do pulpito, renunciou o cargo, não só por causa da sua idade e dos seus achaques, mas tambem para se dedicar ao côro, ao confissionario e a outros exercicios espirituaes.

Tratava dos enfermos com muita caridade e, em honra da Paixão de Jesus, era rigoroso na abstinencia e na disciplina.

Na segunda dominga da Quaresma de 1682, houve na Egreja d'este convento, uma solemne festividade, celebrando o Jubileu plenissimo, concedido por Innocencio XI. Frei Manoel achava-se então doente, mas não quiz deixar de assistir a essa festividade e de ganhar as graças espirituaes, concedidas no mesmo Jubileu.

Tentou jejuar, durante tres dias como era mister. Ao terceiro dia, porém, estava já tão desfallecido, que o medico lhe recomendou, que cessasse com tal sacrificio. Tal era o seu estado de fraqueza.

Mais por obedecer ao prelado, do que ao medico, tomou um caldo de galinha.

No terceiro domingo da Quaresma commungou e mostrou grandes desejos de morrer, não só pela crença de haver alcançado o jubileu, mas tambem, para não ter doença, que, por ser prolongada, houvesse de dar grandes incommodos aos seus companheiros de claustro.

No dia seguinte, que eram 2 de Março do mesmo anno, novamente se preparou com todos os sacramentos, e falleceu serenamente.

Tinha setenta e nove annos de idade e cincoenta e oito de religioso.

*

Frei Luiz de Maçarellos. — Era natural do sitio, de que tomou o appellido e que hoje faz parte da Cidade do Porto.

No anno de 1633 entrou para o Convento de S. Fructuoso, da Cidade de Braga e no mesmo anno tomou o habito de noviço.

No anno immediato e com dezenove annos de idade, professou no dia 21 de Agosto, no mesmo Convento e sendo Guardião Frei Jeronymo do Sardoal.

Pouco depois, retirou-se para este e aqui falleceu em 20 de Junho de 1682, com sessenta e sete annos de idade.

Aqui esteve entrevado quatorze annos, com horrorosas dores, causadas pela gota e por muitas feridas, que ás vezes se cobriam de insectos, o que lhe augmentava muito os soffrimentos.

Apezar d'isso, não deixava de cumprir as obrigações das rezas, e de se entreter com alguns trabalhos manuaes, no que era muito perito.

Mas, se os soffrimentos eram grandes, era de sobejo a resignação do paciente.

Quando falleceu, era Guardião Frei Francisco do Fundão.

Fizeram-se, por alma d'aquelle religioso, solemnes exequias na Egreja d'este Convento. Depois de concluida a ceremonia, notou se, com o pezo da cêra, o mesmo, que se havia notado com a que ardêra nas exequias de Frei Bartholomeu dos Martyres.

Assim o affirma a Chronica da Provincia da Soledade.

Frei Luiz de Maçarellos era tanto dado ao exercicio do confissionario, que, na sua Ordem e por excellencia, foi denominado *confessor*.

*
* *

No Seculo XVIII tambem se tornaram notaveis e aqui falleceram os religiosos, de que vou dar noticias, ainda que succintas.

Frei Manuel de Coimbra. — Dois religiosos ambos do mesmo nome e ambos da mesma Cidade, tornaram-se notaveis n'este convento.

De um já dei limitada noticia.

De outro fallarei pouco mais extensamente, porque os habitadores d'esta casa mais tratavam de se exercitarem nas virtudes, do que de escreverem longas biographias dos seus companheiros.

O primeiro floresceu na primeira metade do seculo XVII; o de que vou fallar floresceu nos fins do mesmo Seculo e ainda nos principios do immediato.

Frei Manuel de Coimbra, se foi notavel como sabio e como orador, não menos o foi por sua muita humildade.

Foi Guardião no Convento da sua ordem em Azurára (actual Concelho de Villa do Conde) e depois foi eleito Provincial em 23 de Janeiro de 1697.

Em 13 de Agosto de 1701 foi eleito Guardião de Santo Antonio dos Olivaes. Acabada a Guardiania, desejou passar o resto dos seus dias em socego, humildemente e sem encargos.

Por isso, retirou-se a Aveiro e, entrando n'este Convento, mais d'aqui se não ausentou.

Na morte, mostrou resignação e serenidade, eguaes ás virtudes e boas qualidades, que tivera durante a vida. Falleceu em 7 de Janeiro de 1708.

*

Frei Caetano de Béra. — Frei Caetano de Béra (corrupção de Vera) foi um dos que n'este convento mais notaveis se tornaram no seculo XVIII.

Tendo chegado á elevada posição de lente de prima, abandonou o mundo e, retirando-se a este convento, subjeitou-se a ensinar theologia no Collegio, aqui estabelecido.

Com fama de grandes virtudes, falleceu em 30 de abril de 1732.

Se não fôra a sua muita modestia, bem poderia deixar fama do seu talento e conhecimentos.

E' possivel, que fosse natural de Aveiro, não só por que não tomou o nome de qualquer outra terra para appellido, mas tambem porque n'esta povoação havia uma familia, que usava do appellido Vera ou Veras e que muito figurou no Seculo XVIII e ainda no immediato.

*

Frei João de Ovar. — No anno seguinte e em 13 de egual mez, aqui falleceu Frei João de Ovar, notavel confessor e muito paciente e resignado nas doenças, de que foi victima.

E foram ellas um grande incommodo de figado e continuos attaques de asthma.

*

Frei João da Vacariça. — Não menos notavel confessor foi Frei João da Vacariça e muito mais o foi por sua modestia, por que, apezar de muitas instancias, jámais quiz acceitar qualquer cargo dos muitos, para que indigitado fôra.

Era muito devoto do exercicio da Via-Sacra e em todos os conventos, onde estivera, promoveu a instauração do mesmo exercicio, para o que mandou collocar nas cercas as indispensaveis cruzes. E o mesmo fez n'este Convento.

Carregado de annos e de achaques, pediu a Deus, que o levasse, porque já era tempo de acabar a sua peregrinação terrena. Falleceu em 3 de Novembro de 1741.

Vacariça é uma das freguezias do Concelho da Mealhada.

*

Frei Bento de Aguião. — No mesmo anno e em 19 de egual mez, aqui falleceu Frei Bento de Aguião.

Era natural da freguezia, de que tomára o appellido e que faz parte do Concelho de Arcos de Val-de-Vez.

Foi um notavel orador e prestou grandes serviços, prégando durante nove annos, em Cabo Verde e em Guiné.

A sua morte foi muito sentida, mas os que o haviam conhecido, ainda que saudosos, ficaram resignados, por que viram, que elle tivera a morte de um justo.

Quando Frei Bento de Aguião reconheceu, que estava proximo o termo da sua existencia, pediu um Crucifixo, resou alguns psalmos e expirou, tendo acabado de dizer: «Agora, sim, meu Jesus. Já é tempo de ir a vossos pés.»

Em quanto esteve n'este convento, foi tão obediente e humilde, que a não poucos dos seus companheiros servia de grato exemplo.

*

Frei Diogo de Avanca. — Soffreu com muita resignação uma doença dolorosa e prolongada.

Na Quarta-feira de Trevas do anno de 1743, pediu, que n'esse mesmo dia, fosse aberta para elle uma sepultura, porque sabia, que havia de morrer no dia seguinte e sendo este não era proprio para taes serviços.

Foi-lhe satisfeito o pedido.

E, como o havia previsto, falleceu Frei Diogo de Avanca em Quinta-feira santa d'esse anno, a qual foi no dia 11 de Abril.

Avanca é uma das principaes freguezias do Concelho de Estarreja.

R. DE QUADROS.

PENSAMENTOS

O erro é o aspecto exclusivista d'uma verdade com detrimento das outras.

Ora o aspecto da verdade sendo de natureza subjectivo não póde deixar de seguir as condições psychicas do individuo.

Erramos quando, aprehendendo uma fracção da verdade, crêmos ter percebido toda a verdade. Attribuindo então os dotes da verdade a uma partesinha da verdade diminuimos a verdade quando a procuramos exaltar.

♦

E' porisso que o erro é antes a diminuição que o exagero da verdade.

♦

Quando o espiritualista exagerado forceja por demonstrar a substancialidade completa da alma humana, não faz mais que desfigurar a unidade do Homem o qual reclama um principio espiritual e sensativo. Deprimiu pois o homem e por conseguinte a sua alma quando imaginava nobilital-a.

♦

Não digaes que a espiritualidade da alma sendo de natureza simples e subsistente em si, reclama uma independencia omnimoda da materia. No momento em que o affirmardes, pondes a alma na plana dos Anjos, isto é, baixaes o Anjo á condição da alma separada, e negaes-lhe a sua mais bella prerogativa — a personalidade. Não exagerastes a verdade, diminuistel-a, negastel-a.

♦

A verdade está para com o espirito humano como o sol para com o mundo. Se attribuis a um raio de sol as propriedades que só competem a todo sol, empanaes a belleza de todo sol, porque a quereis circumscrever á imperfeição d'uma minutissima parte.

♦

Quando pois exageraes a verdade, erraes, porque daes á verdade um colorido que ella não tem.

♦

E como o vosso exagero é meramente subjectivo, pois não responde á realidade, a verdade que é essencialmente objectiva, não augmentou, mas decresceu na sua acção sobre vós e sobre aquelles que commungam as vossas idéas.

SOBRE A ORDEM DO SANTO SEPULCHRO (1)

A ORDEM do Santo Sepulchro de Jerusalem teve fundação pelos annos de 1000 da era christã.

Deve-se a sua origem ao facto de se resolver prestar o devido culto aos santos logares da Palestina onde se realisou o drama sublime da Cruz.

Occupada a grandiosissima basilica fundada por Santa Helena, pela instituição dos conegos regrantes de Santo Agostinho, tinham estes por serviço rezar missa ao romper do dia no altar occidental do monumento; celebrar a 15 de julho todos os annos solemnemente a data da tomada de Jerusalem que havia sido em 1099; a 16 officiar pelas almas dos christãos mortos durante o assedio; e a 17 especialmente pela de Godofredo de Bolhão, Barão e Defensor do Santo Sepulchro e o mesmo que não acceitou a corôa real por não querer, segundo disse, usar uma corôa de oiro onde o Rei dos reis usara uma de espinhos.

A breve trecho os conegos do Santo Sepulchro possuiam immensas riquezas, dadiva dos primeiros senhores de todo o mundo christão, riquezas que afinal de contas não eram mais que o apanagio dos necessitados, pois que elles davam hospitalidade aos peregrinos, sustentavam a pobreza, esmollavam em larga escala, tratavam de feridos e enfermos, ajudavam os captivos a remirem-se, contribuiam para a conquista das povoações inimigas, ao mesmo tempo que reedificavam as que se iam arruinando.

Depois de varias vicissitudes vaguearam os valorosos e piedosos freires da milicia do Santo Sepulchro, ao acaso. Estiveram em Antiochia, em Tripoli, em S. João d'Acre, e alfim vieram fixar residencia definitiva em Perusa, na Italia, d'onde um dos ultimos arcebispos, em nossos dias, foi eleito Papa, sob o nome imperecivelmente glorioso de Leão XIII.

Não esqueçamos, no emtanto, que um dos mais devotados elementos da ordem, foi o elemento feminino.

Ou não fosse verdade o que diz João de Deus:

.....a piedade,
E' filha da mulher,
Que sempre quiz metade
De uma afflicção qualquer.

Grandes damas, simples burguezas ou humildes plebeias, unidas pelos mesmos intuitos e pelos mesmos sentimentos, orgulham-se de ostentar sobre o coração a cruz de Jerusalem.

D'entre os grandes senhores que de proposito foram á Terra Santa para terem a honra de serem armados cavalleiros sobre o Santo Sepulchro, aponta-nos a historia, grandes entre os maiores, illustres entre os illustrissimos, os viscondes de Tureune; os condes d'Anjou, de Flandres, da Hollanda, de Soissons, da Bretanha, de Tolosa, de Poitou, de Champagne, de Vendôme, de Nevers; os marquezes de Montferrat; os duques da Lorena, da Normandia, de Borgonha, da Baviera, d'Austria; os

(1) Vède *Voz de Santo Antonio*, pag. 328, 357.

principes de Tarento; os reis de França; os imperadores da Allemanha, etc.

Um nunca findar de gentes nobillissimas!

Ainda os futuros cavalleiros de Malta não eram senão simples hospitalarios; ainda os templarios não existiam; S. Lazaro, curando santamente os seus leprosos, não sonhava sequer em vestir a armadura de guerreiro, e já existia a ordem religiosa militar do Santo Sepulchro: religiosa com os conegos, os frades e confrades; militar com os cavalleiros obedientes ao capitulo, vivendo no mosteiro, comendo no mesmo refeitorio, usando as respectivas insignias, honrando, guardando e defendendo o tumulo do Redemptor.

E' pois a ordem do Santo Sepulchro, (anterior a qualquer outra,) a mais veneravel, pois que teve por fim a guarda do mais augusto santuario de todo o mundo, e outrosim o resultado brilhante e abençoado d'essas magnificas expedições da christandade, tão aristocraticas pelo seu brilho, tão democraticas pela sua composição e pelos seus beneficios, — as cruzadas, — que impediram que a Europa fôsse invadida pelos mussulmanos; que aboliram a servidão; que arruinaram o feudalismo, e asseguraram o poder monarchico!

E que grandiosidade na investidura dos cavalleiros? O candidato vellava os armas desde o pôr do sol; no dia seguinte, ao romper da manhã, ajoelhava no altar junto do Santo Sepulchro, resplendente de luzes e magestade; então o Patriarcha de Jerusalem, o Prior do Sepulchro, ou qualquer outra entidade de alta cathegoria, revestia-o das insignas militares, afivelava-lhe as esporas, dava-lhe os tres classicos toques d'espada, (que era a de Godofredo de Bolhão conservada com a Santa Cruz, o texto illustrado dos Evangelhos, o registo da ordem, e o thesouro do exercito, no archivo secreto), depois cingia-o com uma espada de cavalleiro e punha-lhe ao pescoço as insignias da ordem.

O novo cavalleiro jurava defender a Egreja, o Santo Sepulchro, combater o turco até á ultima extremidade e votar-se de corpo e alma á eterna cruzada contra o infiel.

A reistituição do Patriarchado latino de Jerusalem, por S. S. Pio IX em 24 de janeiro de 1868, deu á ordem o brilho magnificente a que tem jus.

Na ordem do Santo Sepulchro, catholica por excellencia, só são admittidos aquelles que se distinguiram por obras de extraordinaria piedade ou beneficencia.

Tem um caracter de unidade e de homogeneidade superior ao da ordem de Malta. Esta divide-se em varias *linguas* ou nacionalidades, em algumas das quaes se dá o caso estranho de existir um prior catholico e outro protestante, como por exemplo em Inglaterra e na Allemanha, porque muitos cavalleiros da ordem S. João de Jerusalem não reconhecem a auctoridade do grão mestre que reside em Roma.

O que de maneira nenhuma acontece na ordem do Santo Sepulchro, cuja composição catholica é d'uma pureza imcomparavel.

Como chefe soberano, pois que é uma ordem pontificia, tem Sua Santidade o Papa Leão XIII, representada por S. Em.ª Rev.ma o Cardeal Luiz Macchi, secretario dos breves; e como grão mestre, por delegação do Summo Pontifice, S. Ex.ª Rev.ma o Patriarcha de Jerusalem.

A ordem do Santo Sepulchro, está representada na Europa e na America por bailios-grã-cruzes, nomeados pelo grã-mestre, na qualidade de seus delegados; nomeações que recaem em vultos cujas virtudes e generosidade correspondem ao significativo lemma: Crença, Caridade e Nobreza.

Agora que tanto se trabalha pelo renascimento dos estudos historicos para que, pela boa orientação de pessoas que tem a seu cargo certos e determinados deveres, se não tornem frequentes o aviltamento das crenças, das nobres tradições, e de tudo o que de bom, de respeitavel e de grande, nos legou o passado, afigura-se-nos que não será de todo inutil publicar essa breve noticia, haurida principalmente na obra magnifica do Conde Couret.

Fundamenta-se este trabalho em innumeros documentos notaveis, especialmente no cartorio da ordem, vasto repositorio centenas de vezes secular, d'um valor incalculavel, e que é seguramente o mais alto padrão litterario que a tão augusta aggremiação se tem erguido.

Presentemente para a investidura dos cavaleiros, as mesmas solemnidades se celebram, sómente o juramento do neophyto é um pouco differente, pois que jura ter uma vida sem macula, praticar as virtudes

christãs, defender a Egreja catholica dedicar-se, na medida das suas forças, ao triumpho do catholicismo, particularmente em terras da Palestina, e sobretudo ao augmento constante dos direitos dos latinos na Terra Santa.

Actualmente é Patriarcha latino de Jerusalem, Monsenhor Luiz Piavi, cargo a que anda inherente o Grão-Mestrado da Ordem Pontificia do Santo Sepulchro, como acima dissemos. Natural da Romagna, filho do Patriarcha Serafico, é um digno continuador dos que se chamaram José Valerga e Vicente Bracco.

S. Ex.ª Rev.ma tem revelado no governo do seu vasto patriarchado, uma energia de caracter e uma largueza de vistas que só a crença e o talento reunidos, facultam. E' poderosissima a sua contribuição para o melhoramento moral e intellectual dos povos que tiveram a fortuna de lhe ser confiados. E assim S. Ex.ª Rev.ma faz surgir da ignorancia e do fanatismo proprios da infidelidade á religião christã, a fé simples e grandiosa que irradia naturalmente do tumulo do Redemptor da humanidade. Abençoado seja, e abençoados sejamos nós por S. Ex.ª Rev.ma

BATTAGLIA RAMOS.

ANECDOTAS

No tribunal:

Juiz. — No domingo a policia surprehendeu-o na plata-fórma de um americano, em flagrante delicto de roubo, pretendendo tirar um relogio a um passageiro. Que tem que allegar em sua defeza?

— *Reu* — (sorrindo). A policia enganou-se redondamente sr. juiz, tenho por habito não trabalhar ao domingo.

◆

Alexandre e Apelles. — Aquelle grande Rei Alexandre, chamado o Macedonio, tendo um dia entrado no laboratorio do pintor Apelles, começou a dar sentenças sobre pintura, e, naturalmente, como não tinha estudado esta arte, disparatava de grande.

Apelles, para lhe salvar a honra, disse-lhe ao ouvido, baixinho:

— Magestade, se quereis falar de pintura, que seja em voz baixa, senão os meus rapazes vos metterão em ridiculo.

A quantos discreteadores sobre religião se não devia de repetir o que Apelles disse a Alexandre?

◆

Um medico vae ver um doente e receita-lhe, como principal meio de se curar, um banho diario de agua doce. Passados dois dias volta a casa do doente e pergunta se elle tem tomado os banhos.

— Tenho sim, senhor doutor, mas não posso continuar a tomal-os porque são muito caros.

— Caros?! replica o doutor.

— Carissimos: só de assucar são 3 kilos e olhe que ainda não ficam bem doces.

◆

Demosthenes no Areopago. — Defendia elle um dia no Areopago d'Athenas a causa d'um homem que tinha sido condemnado á morte.

A gravidade da causa reclamava dos juizes attenção summa, mas elles faziam ouvidos de mercador.

Demosthenes, um pouco despeitado, cortou o discurso n'um repente, e virando-se para os juizes disse:

— Senhores, escutae um facto sensacional:

«Certo homem agarrara n'um jumento para n'elle se transportar de Athenas a Mefara. No caminho, surprehendido d'um sol calcinante, viu-se obrigado a apear-se do jumento, e caminhar á sombra d'elle.

Protestou o antigo dono do animal, dizendo que lhe tinha sido pago o jumento, mas a sombra não:

— Ou me has-de pagar a sombra, ou então vae-te sem jumento e sem sombra.

«Protestou o outro, dizendo que tendo pago o animal, tinha direito á sombra d'elle, e por tal fórma se travaram de razões que vieram a factos, ferindo-se á murraça, e levando a questão aos tribunaes.»

Dizendo isto, Demosthenes fingiu ausentar-se e dar tudo por acabado.

— Esperae, esperae, volveram os Juizes. Acabae a questão.

Então Demosthenes!

— Ha pouco defendia eu a causa da vida de um homem, e vós dormieis; agora falo-vos da questão da sombra de um burro, e estaes anciosos pelo seu desfecho.

Vergonha!

A licção de Demosthenes que tambem coube áquelles levianos juizes, *não ficaria peor em certos christãos que fecham ouvidos ás verdades sacrosanctas da religião para os abrir a vis charlatães que de religião e de sciencia entendem tanto como... de sauskrito.*

◆

Uma phrase de Pedro o Grande.

O celebre imperador, vendo, na Surbonna, o tumulo do cardeal de Richelieu, exclamou:

— Oh! grande homem! Se ainda vivesses, dar-te-hia metade do meu imperio para que me ensinasses a governar a outra parte.

◆

Um bohemio contemplava um sepulchro antigo.

— Não posso ver sem tristeza — dizia a um amigo — aquellas estatuas deitadas.

— Trazem ao teu espirito a idéa da morte?

— Não. Recordam-me o tempo em que dormia sobre um banco de pedra.

◆

Dois larapios, depois de terem empalmado al-

guns relogios e carteiras, dirigiram-se para suas casas.

— Olha lá, não te parece melhor irmos no americano? disse um d'elles.

— Não, contestou o outro, é arriscado; na plata-fórma costumam transitar alguns gatunos e pódem roubar-nos!

Leituras amenas

A almofadinha do Menino Jesus

II

O sol desappareceu alfim no horizonte e chegou a Noite do Natal com esse perfume de alecrim e rosmaninho que dezanove seculos não tem podido desvanecer, com essa alegria que desce do céo, se respira na atmosphera e faz bater o coração com um latejo proprio...

Noite santa, Noite de Natal, Noite de pura alegria no lar, de imponente solemnidade no templo, Noite em que tudo parece viver, sentir e gozar ao recordar-se dos primeiros vagidos d'um Menino; em que o alegre ruido das pandeiretas e zabumbas augmenta as saudades da infancia e desperta ainda no coração mais empedernido essas santas recordações que fazem levantar os olhos ao céo buscando ali a innocencia perdida e encontrando — quem sabe? — o perdão e o arrependimento!

Ah! gravae bem na infancia ao som das pandeiretas e zabumbas o rosto do Menino Deus adormecido n'uma pobre mangedoira (porque dos meninos se fazem os homens, ainda que o pensal-o contrista a alma), e essa impressão dulcissima lhes fará conhecer mais tarde — quando a innocencia fugiu para dar logar á malicia, — o Deus Menino que sorri em Belem no Deus homem que perdoa no calvario.

Cante hoje o menino ante o presepio no meio de alegres risadas:

E' nascido n'um portal
Cheio de teias de aranha
Entre a burrinha e o boi,
O Redemptor da nossa alma.

e esta lembrança fará dizer ámanhã ao homem abraçado á cruz e banhado em lagrimas de arrependimento:

Menino te contemplava
Entre os braços de Maria
E em tão divina alegria
Ternamente me enlevava.

Mas tão mau por derradeiro
Transgredindo a tua lei,
No presepio não te achei,
Mas cravado n'um madeiro.

Esta era a grande obra que sem comprehender toda a sua transcendencia aquella boa Marqueza Elvira advinhava com seu instincto de mãe e punha em pratica com Alvarinho seu filho unico.

Estava este em sua alcova; sua mãe preparava-o para o deitar. Sentado sobre os joelhos d'esta, repetia com toda a gravidade dos seus seis annos o «Deus seja bemdito» o «Santo Anjo do Senhor» e a oração «Seja bemdita tua prece» fitando ao mesmo tempo n'aquelle formoso rosto que tão docemente lhe sorria esse olhar profundo, dilatado proprio do menino quando pensa ou sente, esse olhar que reflecte a alma inteira sem dobrez, nem culpa, com a mesma pureza com que reflectem as aguas tranquillas de um lago o terso azul do firmamento.

Tinha-o reprehendido sua mãe, porque quando sua aia Miss. Folk lhe fallava em allemão para o costumar a esta lingua ou callava como um morto, ou deitava a correr fazendo caretas.

O menino fez duas ou tres beicinhas que enterneceram sua mãe; esta para o consolar lhe disse: que era Noite de Natal e que á meia noite o viria despertar o Menino Jesus, que descia do céo para salvar os homens e repartir entre os meninos mais de mil cartuchos de amendoas e ao menos quatro carros dos brinquedos que guardam os anjos entre as nuvens de oiro de que está tapizada a gloria.

Estas palavras produziram no coração d'aquelle innocente, uma alegria immensa que se expandia ruidosa em seus labios dando gritos de alegria, saltando em camisa sobre a alfombra a ponto de obrigar a grave e firme Miss. Folk a correr em seu seguimento para de novo o trazer ao regaço de sua mãe.

— Tambem á meia noite, continuava a Marqueza, ha de vir outro menino pobre,

irmão do Menino do presepio e de todos os meninos bons, e porisso tambem teu irmãosinho. Mas aquelle menino infeliz não tem dôces, nem brinquedos, nem roupa, nem casa, nem mamã que lhe queira, nem papá que lhe dê a consoada nem Miss. Folk que o leve ao Retiro!... E porisso aquelle pobre menino chora muito, muito... tanto que em tres mezes, que tem, ainda não cessou de chorar...

O rosto de Alvarinho tomou então uma expressão de immenso assombro e logo outra de indizivel tristeza e duas grandes lagrimas assomaram-lhe aos olhos. Prometteu dar aquelle menino desgraçado tres tortas, um cavallo de cartão, um chapéo com pennas e uma carruagem grande, tão grande como a que tinha seu pae para ir visitar o rei...

Pouco a pouco foi-se diminuindo a loucuacidade do menino e ficou por fim sua alegria amortecida pelo somno, á maneira de brazas accezas sob uma leve camada de cinza.

Fechou os olhos, deixou caír os bracinhos ao longo do corpo e sua loira cabecinha foi descansar no seio materno.

Então deitou-a a Marqueza em sua caminha de pennas, qual ninho de passaros, e fazendo-lhe o signal da cruz sobre a fronte, deixou-o entregue a esses sonhos mysteriosos da infancia, em que o Anjo da Guarda vem contar ao ouvido dos meninos formosos contos do céo — opinião nossa cuja candidez fará rir mais de um theologo, que todavia não nos saberá explicar a origem d'esse sorriso celestial que assoma de vez em quando aos labios do menino que dorme tranquillo.

Já tinham chegado os filhos da Baroneza e outras pessoas da familia. Por todo o palacio reinava essa alegre animação propria d'esta santa Noite, que se transfunde e esparge por toda a parte desde o salão até a cosinha.

Faltava porém um personagem, que desempenhava sempre o primeiro papel na festa do Natal.

Não se fez esperar muito; ás onze e meia parou uma carruagem á porta; desceu primeiro Miss. Folk, ajudou depois a apeiar-se uma velhinha miseravelmente vestida que occultava debaixo do capote todo remendado uma especie de pequeno fardo. Os Marquezes e toda a gente que havia em casa vieram á escada receber aquella estranha visita. Abriu a velha o capote e no meio do mais profundo silencio collocou nos braços da Marqueza um pobre infante recem-nascido envolto n'uns pobres trapos de baeta amarella. Aquelle era o desventurado menino de quem a Marqueza tinha fallado a seu filho, aquelle o pobresinho que entrava n'aquella illustre casa como irmão do Menino de Belem para conservar n'ella o santo que, tres seculos havia, attrahia sobre ella as bençãos do céo...

Uma nobre dama tinha introduzido pelos fins do seculo XV esta santa pratica que seus descendentes conservaram sempre com veneração.

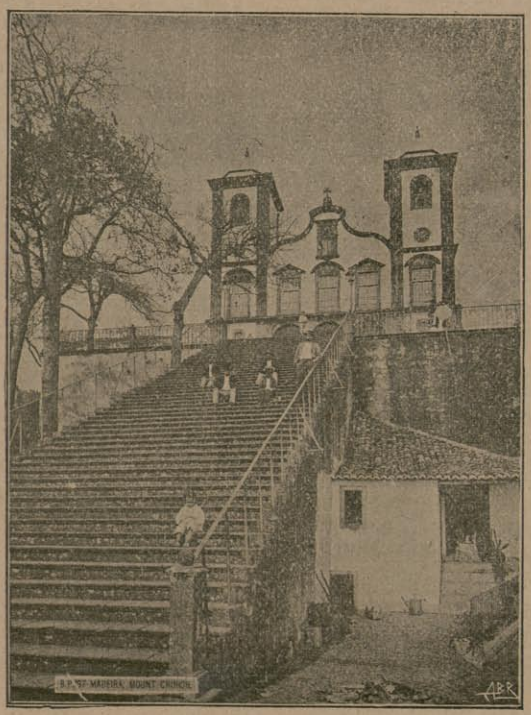
Preparavam as senhoras da casa proximo ao Natal um enxoval completo para um recemnascido. Procurava-se logo pelas cercanias um menino de paes pobres e honrados, que na Noite do Natal eram levados a casa dos Marquezes n'um berço preparado deante do presepio, e ali a illustre Marqueza rodeada de toda a sua familia lavava em memoria do Menino Jesus aquelle menino como Elle pobre e desvalido e vestia-o com o enxoval que lhe tinha preparado.

Offerecia-se depois ao Menino Jesus aquella sua imagem viva e entregava-se aos paes uma avultada esmola. Era esta esmola no tempo do Marquez a que alludimos uma somma, que posta no Banco, podia, quando o menino chegasse a maior edade, ter rendido o sufficiente para o redemir da vida militar. Este anno tinha tocado a sorte a um pobre anjinho de tres mezes orphão de pae e mãe, que sua decrepita avó, unico apoio com que contava na terra acompanhara ao palacio da Marqueza. Desenfaixou-o carinhosamente, beijou-o na fronte e seguida de toda a familia deitou no berço preparado de antemão para o innocente hospede.

Pensou-se então em dar principio á festa que devia ter logar na mesma alcova de Alvarinho.

Communicava esta por um lado com a de seus paes e era separada pelo outro com um tabique corrido do aposento de Miss. Folk. N'este sem que o menino o suspeitasse tinha-se preparado o maravilhoso presepio, de modo que correndo o tabique divisorio apparecesse em todo o seu esplendor á vista de Alvarinho. Accenderam-se todas as luzes. Os parentes, meninos e crea-

dos com pandeiretas, zabumbas e apitos foram collocar-se atraz do presepio. A Marqueza pegou n'uma pandeireta e pé ante pé foi esconder-se atraz d'uma cortina na alcova de seu filho. O Marquez... ah! Marquezes e não Marquezes de retorcidos bigodes e penteadas perinhas que andais por ahi buscando novos prazeres sem os poder encontrar; vêde e bem, e motejai se apraz aquelle vosso companheiro que os achava tanto á mão!... O Marquez, aquelle illustre Marquez, que a 22 de junho se bateu só com uma carabina nas mãos contra sete, e a 18 de setembro atirou á cara de um general traidor o laço revolucionario que este lhe offerecia; aquelle Marquez corria tambem na pontinha dos pés com um enorme zabumba carregado de cascaveis, a esconder-se junto de sua esposa, esperando impaciente que o relogio batesse meia noite para despertar seu filho cantando ebrio de alegria humildes coplas do Natal!



Sanctuario de Nossa Senhora do Monte (Funchal)

Soou por fim aquella hora de alegria e de mysterios.

Correu-se o tabique deixando vêr aquelle fóco de luz immensa e rompeu o toque das pandeiretas e zabumbas acompanhando as vozes que unidas cantavam alegremente:

Alegria, alegria, alegria!
Eis que á luz deu a Virgem Maria
Sem angustia nem pena
A's doze horas da noite serena.

Alvarinho assombrado sentou-se na cama de um salto.

— Noite de Natal!... Noite de Natal!... exclamou fóra de si cruzando as mãosinhas. Depois ligeiro como um passaro atravessou a alcova a correr e foi lançar-se de joelhos ante o presepio, com as mãos cruzadas sobre o peito e a cabeça inclinada...

Que se passaria então na alma d'aquelle ditoso menino?

Pensaria que estava realmente no céo a ouvir cantar o *Gloria in excelsis Deo?*... Veria por ventura o Menino Jesus que sorrindo lhe estendia a mão?... O que sabemos é que quando sua mãe accudiu a cubril-o com uma capa, o menino não queria abandonar a sua posição extatica; e quando seu pae o levantou nos braços, beijando-o delirantemente, grossas lagrimas se desprendiam de seus olhos azues e posta uma mão sobre o coração exclamava:

— Ai!... ai!... deixem-me!... deixem-me! serei sempre bom e nunca mais tornarei a fazer caretas a Miss. Folk!...

Passados estes primeiros momentos de jubilo e surpreza, sentou-se a Marqueza junto ao presepio para vestir o orphão em memoria de Jesus Menino. Um lhe trazia agua tepida perfumada, outro lhe apresentava as diversas peças do enxoval defumadas em alecrim e alfazema, outro atava-lhe as faixas e uma especie de relicario bordado de lentejoulas em que estavam encerrados os Evangelhos.

Já completamente vestido o orphãosinho, Miss. Folk foi afôfar a almofadinha do berço de mogno, mas Alvarinho arrancou-lh'a violentamente das mãos dizendo:

— Não, essa não... a minha, a minha... E correndo ao leito trouxe a sua almofadinha de tapetá côr de rosa, com fronha de finissima hollanda e elle mesmo a collocou sob a cabeça do orphão.

Na manhã seguinte guardou a Marqueza aquella almofada, como uma preciosa reliquia, e ornando-a de pedras de grande valor, metteu-a debaixo da cabeça de um formoso Menino Jesus digno de Montanhez ou de Roldana, que n'um presepio de prata occupava o centro do altar do seu magnifico oratorio.

Culto de Santo Antonio

O Pão de Santo Antonio

DECLARAÇÃO

A Redacção da «Voz de Santo Antonio» julga opportuno repetir aqui as declarações já feitas por mais d'uma vez:

a) A Instituição do Pão dos Pobres de S. Antonio, posto que seja obra dos Franciscanos, funcciona independentemente da sua direcção. Poronde,

b) As esmolas depositadas nos cofres de S. Antonio nem são para a «Voz de Santo Antonio», nem para os seus directores e collaboradores, nem para os Franciscanos como aleivosamente aventaram muitos jornaes, mas são exclusivamente para o Pão de Santo Antonio e para obras de caridade promovidas pela commissão administrativa, á qual só cabem as responsabilidades do bom ou mau emprego das ditas esmolas.

c) A «Voz de Santo Antonio», dando publicidade ás muitas cartas de agradecimento que apparecem nos cofres de Santo Antonio, tem só em mira dar gloria a Deus e ao Santo de que é orgão mensal. Não explora a crendice do povo, mas fomenta o espirito de piedade. E se muitas das cartas que publica não têem a orthographia e a grammatica desejadas, e empregam indistinctamente o nome de graça ou milagre, não são da redacção as responsabilidades, mas dos proprios signatarios.

De resto a Redacção da «Voz de Santo Antonio», para se conformar com os decretos de Urbano VIII, declara mais uma vez, que não pretende dar aos factos narrados no Culto de Santo Antonio senão um valor meramente historico, deixando á Egreja o julgar da sua authenticidade.

BRAGA

Em Dezembro:	
Petições depositadas.....	30
Cartas de agradecimento.....	5
	—
Total das cartas.....	35

AOS AMIGOS DE SANTO ANTONIO

Pedimos mais uma vez que não se esqueçam de indicar em termos claros e precisos a graça ou graças recebidas de Santo Antonio, para que dignamente se possam publicar na «Voz» em honra e louvor do grande Thaumaturgo.

Confrontando a receita enorme das esmolas mensaes ao Santo para o Pão dos Pobres com as cartas de agradecimento, vêmos que a maior parte das graças não véem ao publico, o que não póde ser agradavel a Santo Antonio; pois é justo que teste o seu reconhemento quem recebe os favores.

Não é forçoso nem muitas vezes é conveniente que venha por extenso a assignatura.

Mas o que é de summo interesse para edificação dos fieis e gloria do Santo, é saber-se a graça ou graças que elle tão profusamente distribue aos seus devotos.

A's pessoas instruidas recommendamos o maior cuidado na redacção e orthodoxia das cartas e ás ignorantes aconselhamos que recorram a pessoas prudentes e piedosas, que as ha em toda a parte, sobretudo nos centros da Pia União e do Pão dos Pobres.

— *Meu Glorioso Santo Antonio.* — Venho agradecer-vos, reconhecido, as graças que me tendes alcançado, especialmente o terdes attendido a minha petição, *para que meu irmão que estava gravemente doente recuperasses a saude* de que tanto careciamos. Em acção de graças vos envio a quantia de 2$000 réis que prometti para o pão dos vossos pobres, tornando assim bem publica esta graça.

15-XI-1901.— *João Ribeiro d'Almeida e Silva.*

— *Glorioso Santo Antonio* — Agradeço grandemente o terdes impetrado do Altissimo a graça de deixar *conservar os alimentos* a uma pessoa minha amiga.

Glorioso Santo, alcançae tambem de Deus, poder sahir do purgatorio uma alma, e entrar em breve no céo a gosar os prazeres eternos.

Reconhecido envio-vos com esta 500 réis para o pão de vossos pobresinhos. — *D'uma devota.*

— *O' Glorioso Santo Antonio.* — Venho agradecer-vos a graça que me concedestes *de tirar o incommodo da cabeça a minha* tia, que ella já soffria ha tanto tempo. Aqui tendes 500 réis que vos prometti para o pão dos pobres.

— *Glorioso Thaumaturgo.* — Profundamente agradecido aos favores que vos pedi — *de me deparares uma bagagem extraviada* e de me alcançardes de Deus boa colheita de vinho, aqui vos deixo 200 réis pelo primeiro e 600 réis pelo segundo.

Santo do meu nome, rogae por mim.

Padre A. M. Pires.

— Entrego-vos *Glorioso Santo Antonio* para o pão dos vossos pobres, a importancia de 9$500 réis *pelas mercês que me haveis feito.*

VIANNA

Lêmos na excellente *Cruz* de Vianna do Castello que o *Pão de Santo Antonio* continua levando ao seio da pobreza a costumada esmola de pão, comprado com o producto das offerendas que para

tal fim os fieis, dia a dia, depositam no respectivo cofre, e que sendo uma manifestação da caridade christã o são tambem do grande poder de intercessão do Santo Thaumaturgo Portuguez.

Foram 55 as boroas distribuidas no passado domingo.

Antes, (no dia 10 de Dezembro se nos não falha a memoria), tinham-se distribuido 56 boroas de pão na importancia de 3$920 réis.

COVILHÃ

Como nos informa a *Voz da Caridade*, excellente revista covilhanense, no dia 25 de Dezembro, finda a missa que o Rev.º Prior José da Costa Tavares celebrou no altar de Santo Antonio, foram distribuidas esmolas a 50 pobres, recebendo cada um :

— Um pão de trigo de 1:000 grammas — 250 grammas de carne de porco — 500 grammas de arroz.

Antes tinham sido encontradas no cofre das offertas as seguintes cartas :

— *Meu bom Santo Antonio.* — Pela graça obtida offereço-vos 100 réis para os vossos pobresinhos. — *Lucia Pereira.*

— Humildemente vos agradeço a graça que de vós recebi para os vossos pobres, e offereço-vos 230 réis. — *J. R. A.*

— Ao meu querido Santo Antonio offereço 120 réis para os seus pobres.

VILLAR (BARCELLOS)

Meu querido Santo Antonio. — Agradeço-vos humildemente o obsequio que fizestes de *ouvirdes as minhas orações e pedidos.*

Em satisfação d'esse obsequio envio-vos 500 réis que vos prometti para o *pão dos vossos pobresinhos.*

Agradeço-vos tantos beneficios que me tendes dispensado e peço vos que continueis a soccorrer-me.

Abençoae esta vossa devota. — *P. C. T.*

BARCELLOS

Meu Glorioso Santo Antonio. — Agradeço-vos muito reconhecida as *duas graças que me fizestes* e perdoae-me a demora em cumprir a promessa promettida, o que hoje faço enviando-vos 500 réis pela primeira graça e 200 réis *por ter encontrado aquelle objecto* que tinha perdido havia já mezes.

Abençoae esta que vos supplica que a não desampareis nem na vida nem na morte.

Maria da Graça M. A.

Snr. Director.

Peço-lhe o favor de publicar a graça que junto remetto na *Voz de Santo Antonio.*

— Do mais intimo de meu coração agradeço-vos as graças que me alcançastes de N. S. Jesus Christo e em prova do meu reconhecimento para comvosco offereço-vos 100 para o pão dos vossos pobresinhos.

Vossa devota. — *Maria da Gloria Leite de Macedo.*

Snr. Director da *Voz de Santo Antonio.*

Peço-lhe a fineza de mandar publicar na *Voz de Santo Antonio* a graça que junto remetto, o que desde já agradeço.

— *Meu querido Santo Antonio.* — Agradeço-vos muito a graça que me fizestes que foi de sarar minha tia que estava bastante doente.

Envio-vos para o *pão dos vossos pobresinhos* 100 réis ; e peço-vos meu querido Santo Antonio que vos lembreis sempre de nós.

Vossa devota. — *Maria do Gloria.*

Snr. Redactor.

Pedimos a V. o favor de publicar na *Voz de Santo Antonio* estas graças, o que desde já agradecemos.

— *Glorioso Santo Antonio.* — Cheias de gratidão vimos agradecer as graças que nos alcançastes de Nosso Senhor, pois *estando nossa tia bastante doente* pedimos e promettemos a vós e ás almas do purgatorio mandar publicar as graças, e hoje está completamente restabelecida. Enviamos vos 100 réis para o *pão dos vossos pobresinhos* e pedimos que nos continueis a proteger.

Vossas devotas. — *Olivia e Anna Palmira.*

LISBOA (BELEM)

Snr. Director da *Voz de Santo Antonio.*

No cumprimento de uma promessa que fiz ao milagroso Santo Antonio, remetto 5$000 réis.

Belem, 11-2-1902.

LAMEGO

O' meu Santo protector. — Mando-vos 300 réis que vos prometti na *minha afflicção.* Continuae a attender-me, que sempre vos invocarei pela grande devoção que tenho comvosco. — *J. A. M. V.*

SANTO THYRSO

D. Emilia A. F. M., de Santo Thyrso, agradecida aos beneficios recebidos de Santo Antonio, e pedindo-lhe a continuação do seu patrocinio, envia 3$000 réis para o pão dos pobres.

SAMAIÕES

Muito lisonjeiro o resultado total dos cofres de Santo Antonio n'esta terra, como no proximo numero veremos.

As petições depositadas nos cofres são numerosas e encontram-se tambem cartas de agradecimento.

MEZÃO FRIO

Do Snr. P. Antonio Guedes de Lima, *para o Pão dos Pobres* recebemos as seguintes esmolas por promessas alcançadas : — D. Maria do Rosario, 320 réis por varias promessas (sendo uma d'ellas por causa d'uma quantia que julgava perdida e appareceu)—P. Antonio Guedes de Lima, 660 réis por quatro promessas e de 3 devotos de Santo Antonio.

S. PAULO (BRAZIL)

Snr. Director da «Voz de Santo Antonio».

A Ex^ma Snr.ª D. Anna Carolina Naval Lopes, *socia da Pia-União* e assignante da *Voz de Santo Antonio* communicou-me que : *Estando seu compadre José Herdade em um estado verdadeiramente lastimavel, desesperado, recorreu a Santo Antonio* de quem é devota, *fazendo voto de mandal-o alistar na Pia-União de Santo Antonio*, o que já fez n'este Centro, e *mandar publicar a graça pedida se Santo Antonio* se dignasse attendel-a ; tendo sido ouvida e alcançada a graça suplicada, pois quando estavam perdidas todas as esperanças no humano milagrosamente de um momento para outro ficou são e com o uso completo de todas as suas faculdades ; em cumprimento da promessa feita me pede supplique a V. se digne publicar na *Voz de Santo Antonio* a dita graça e manda 5$000 réis moeda Brazileira para os pobres de Santo Antonio.

De V. — *Fr. Pedro Hierro.*

O. f. m.

Director Nacional da Pia-União
de Santo Antonio no Brazil

Egreja de Santo Antonio S. Paulo 11-12-901.

OURO PRETO (BRAZIL)

Offereço para o pão dos pobres de Santo Antonio, 3$000 em agradecimento de uma graça recebida. — *Maria Flavia.* — *J. M. J. V.*

Meu glorioso Santo Antonio. — Venho hoje por este meio agradecer-vos a grande esmola que vós me fizestes, fazendo-me sahir *approvada em todos os exames* que entrei, não perdendo nem um e tendo media em todas as aulas. Vos peço perdão de não ter agradecido ha mais tempo. Envio esta esportula para o pão dos vossos pobres.

Vossa devota. — *H. R.*

— *Ao Glorioso Padre Santo Antonio.* — Agradeço uma graça que recebi e envio para o pão dos pobres a esmola de 7$000 réis. — *Thereza Alvim.*

— Envio para o pão dos pobres de Santo Antonio, em agradecimento ao favor que obtive, a quantia de 10$000 réis. — *Vera de Lima.*

Os cofres do Pão dos pobres de Santo Antonio

Braga. — Em Dezembro 235$455 réis, entrando quantias recebidas n'esta Redacção e que foram como segue :

D. Maria da Gloria (Barcellos)	100
J. A. M. V. (Lamego)	3$000
Uma devota	600
D. Olivia e Palmira (Barcellos)	100
D. Maria da Gloria (Idem)	100
D. Anna Joaquina C. L.	500
D. Thereza de Jesus (Belem)	5$000
Por um milagre de Santo Antonio	1$000
Um anonymo	2$000
Total	12$400

Quasi todas estas quantias entram nos rendimentos correspondentes ao mez de Janeiro e d'ellas tomará nota o numero seguinte d'esta revista.

Recebemos tambem e depositamos já nos cofres as seguintes esmolas :

Padre João Pinto da Gama	1$000
Eduardo P. Lisboa	1$000
J. R. S. Gomes, Torres Novas	920
D. M. P. Caldeira C.	1$000
Seraphim A. dos Santos	180
	4$100

Covilhã. — No mez de Novembro:

Encontrado nas caixas	850
Entregue por F. P. C.	1$000
Entregue pelo professor Claudio	500
E. A. de Paiva	200
Gertrudes da Fonseca	120
Anonymo	500
	3$170

No mez de Dezembro:

Encontrado nas caixas	270
De uma devota	6$000
Pelo professor Antunes	500
Francisco Nunes da Silva	200
David Francisco	500
	7$470

Novos membros da Pia União

Arcebispado de Braga		292
Guimarães	3	
S. Pedro de Polvoreira	21	
S. Thiago de Lordello	6	
Villela	7	
Pedome	32	
S. João das Caldas	4	
Cabeceiras de Basto	11	
Lordello	3	
Armil	11	
S. Miguel do Monte	6	
Povoa de Varzim	105	
S. Miguel de Prado	72	
S. Martinho de Silvares	5	
S. Clemente de Saude	6	
Diocese do Porto		31
Felgueiras	19	
Bomfim	12	
Diocese de Lamego		6
Teixeiró	3	
Varias partes		3
Associados do numero passado		139:143
Total dos associados		139:475

Recommendações especiaes

As ordens religiosas em Portugal.
Os collegios catholicos.
As missões no ultramar.
Uma conversão.
A cura d'um enfermo.
A cura d'uma enferma (a pedido do nosso bom assignante José de Castro Gavinha, de Coimbra).
Duas vocações.
Tres almas.
Todas as petições depositadas nos cofres de Santo Antonio.

OS NOSSOS DEFUNTOS

Pie Jesu, Domine,
Dona eis requiem.
Amen.

D. Rosa Angelica da Conceição, Freixofeira. — Era assignante da *Voz de S. Antonio.*

— *José Alexandre Guedes.* — Avô do nosso amigo Manoel M. Coelho. Era Terceiro franciscano e membro da *Pia União.*

— *Antonio Marianno Cesar.* — A sua morte é-nos assim noticiada :

Snr. Redactor.

N'esta freguezia da Immaculada Conceição, concelho da Horta, diocese d'Angra, no dia 8 de Dezembro, pelas 9 e meia horas da manhã, quando se ia começar a solemnissima festa da Conceição, partiu d'esta vida a celebrar no céo festas mais alegres o exc.mo snr. Antonio Marianno Cesar d'Oliveira Ribeiro, general reformado. Para biographar a vida de tão exemplar catholico demanda tempo e recursos de que não disponho infelizmente ; no entanto para edificação e exemplo d'aquelles que, salvo honrosas excepções, apenas deitam galão, e quiçá uma simples divisa, se julgam emancipados de toda a religião, apresentarei uns poucos traços de sua vida exemplarissima.

Assistia todos os domingos á missa sempre de joelhos e recitava o terço com o padre com uma devoção que faria inveja a muitos ecclesiasticos...

Pelas ruas, logo que ouvia o toque das Ave Marias, tirava o chapeo e rezava. Era tão devoto do Santissimo Sacramento que dava para esta egreja o vinho para as missas do melhor da sua lavra. Amava tanto o Santo Padre que todos os annos contribuia para o dinheiro de S. Pedro com uma libra. E com que sentimentos m'a entregou este anno? Mal sabia que era a ultima. Foi a Roma na peregrinação portugueza no anno findo, com que enthusiasmo falava de Lourdes?!!.. Nunca da sua porta saíu um pobre triste, a todos esmolava. Dizia a sua exc.ma e devota consorte : — «Dá-se para Deus nos ajudar».

Era muito devoto dos — Bemditos — e na ultima afflicção quando sua exc.ma esposa lhe dizia : — Deus seja Bemdito : volvia os olhos, fazendo diligencia para inclinar a cabeça, agradecendo.

Elle e sua exc.ma esposa fizeram offerta a esta egreja de muitos vasos e alfaias.

Confessou-se na vespera á noite, recebeu todos os sacramentos e indulgencias com summa devoção. Era assignante da «Voz de S. Antonio».

Quanto a mim, uma morte em tal dia, com tão consoladores precedentes, é signal de predistinação.

Que elle peça a Deus por nós...

Conceição, 14-12-01.—Vigario, *José Francisco da Silveira Grillo.*

R. I. P.

Secção scientifico-litteraria

A GRÉVE

Suas causas, agentes e leis

O *Socialista* (periodico) explica-se assim á *Dépêche* de Tolosa, a proposito das allianças eleitoraes com os radicaes :

«Que a *Dépêche*, diz elle, prégue quanto quizer aos socialistas o evangelho da concentração com os radicaes, que procure persuadir a sua clientela que a constituição do proletariado em partido de classe é apenas uma manobra destinada a fazer a victoria da burguezia radicalisante. E' esse o seu papel. Mas que ella não inverta os factos em seu proveito, que não vá buscar ao Norte socialista exemplos para corroborar a sua politica d'abdicação, como intenta fazel-o n'um artigo de 21 de Maio. A realidade contradil-a claramente. E' falso o que ella affirma que «em Lille e em toda a região do Norte, é com o concurso dos radicaes que o partido operario entra nos municipios.» E' sabido o que se passou em Lille. Os radicaes, esmagados, apresentaram 5:000 votos contra 15:000 do partido operario francez e 14:000 da união reaccionaria ; isto no primeiro escrutinio. Se os votos dos radicaes fossem annulados no segundo escrutinio é evidente que a victoria pertenceria aos socialistas. Se não fôsse para dar certa satisfação á *cubiça radical*, sem duvida a votação, a 13 de Maio, seria a favor da reacção. O partido operario francez, assegurava, portanto, a sua victoria, dando uma pequena parte do concelho municipal aos radicaes derrotados.

Concedeu-lhe 12 cadeiras sobre 36. D'este modo é tão pouco servir o radicalismo, que é servir-se a si mesmo.

Uma manobra d'este genero não é só acceitavel, é recommendavel. E' tactica velha da guerra. Mas d'esta tactica que consiste em immobilisar uma parte das forças inimigas, ou antes, aprisional-a, para se servir d'ella a fim de penetrar na praça, ou para lá se sustentar, áquella outra tactica que põe o proletariado á mercê d'uma fracção capitalista, que o leva a mendigar algumas miseraveis cadeiras junto dos burguezes chamados republicanos, promettendo-lhes o seu apoio, e fazendo-se seus acolytos, a renunciar d'antemão ao combate para escapar aos golpes, mediante uma insignificante remuneração, medeia um grande abysmo.

A *Dépêche* ignora a nossa *Federação do Norte* quando a suppõe seguidora de sua politica. Póde-se, ainda que com repugnancia, não desconsiderar os serviços dos radicaes ; mas o que se não póde é prestar ou vender-lhes o nosso auxilio sem trahir e compromettter a causa do trabalho.»

Dissemos já que o congresso de Paris, após uma transacção no terreno dos factos, tinha auctorisado a presença de Millerand e Baudin no ministerio de Waldeck-Rousseau.

A proposito da gréve de Chalon, M. Renou, deputado socialista, subiu á tribuna em seguida a M. Simyan e exprimiu-se n'estes termos:

«O partido socialista parlamentar delegou dois dos seus membros para procederem a uma syndicancia a qual provou que as responsabilidades iam mais longe do que havia indicado M. Simyan.

Os acontecimentos de Châlon sur-Saône são devidos unicamente a um systema de governo que os socialistas não podem approvar. Eu defendi o gabinete actual, mas entre mim e o gabinete ha presentemente uma distancia que não desapparecerá tão cedo. E' necessario saber se sim ou não o senhor presidente do Conselho está com os operarios. Eu e os meus amigos não estamos com o governo.»

A transacção está claramente denunciada, mas a ruptura será definitiva? Além d'isso, é certo que os doutrinarios approvam completamente o principio da gréve? Não! a gréve não é o campo d'acção que elles preferem, não é a sua arma favorita. Acham-na insufficiente e perigosa, já porque traz comsigo melhoramentos e reformas que prolongam a existencia ao regimen que elles querem abater, já porque provoca reacções que travam o movimento operario á conquista dos poderes publicos.

Comtudo é um factor que elles não despresam. A's vezes são elles que tomam a iniciativa da gréve, e sempre tomam parte n'ella para a fomentar, para a dirigir e fazel-a cooperar para os seus fins. Muitas vezes são os doutrinarios que formulam as revindicações dos grevistas e que auxiliam com a sua palavra a cruzada economica. Misturam-lhe o elemento revolucionario e utopista que torna o accordo entre os operarios e os patrões tão difficil, que prolonga indefinidamente os conflictos e torna a paz n'uma simples tregua, prestes a romper-se a cada instante. Dão alma á gréve e por conseguinte são os seus mais temiveis agentes.

Os agentes directos e immediatos são os syndicatos. Instruidos pela experiencia, abandonaram provisoriamente a idéa da gréve geral, mas permaneceram fieis ao seu principio, multiplicando as gréves particulares. Mal preparados e mal armados para a grande guerra, reduzem-se á guerra de guerrilhas. Começaram com este systema depois do cheque de que já fallamos, ha dois annos, e já obtiveram resultados extraordinarios. Augmento de salario, diminuição das horas de trabalho, reforma dos regulamentos das officinas, demissão de contramestres, tudo téem conseguido, ora d'um modo, ora d'outro. E todavia não adiantaram um passo para a socialisação dos meios de producção, á qual, realmente, parece que só ligam importancia secundaria e apenas theorica.

Ao passo que os parlamentares sustentam, a pesar seu, a auctoridade e a força que as gréves adquirem, emquanto os doutrinarios lhes impoem a sua palavra e a sua direcção, os syndicateiros dão-lhes os seus braços, os seus sacrificios e os seus corações. São elles que a fazem e que lhe imprimem o caracter que ella tem.

Tem-se chegado á conclusão de que as gréves não são sempre eguaes.

A de Montceau-les-Mines não foi identica á de Creusot, nem a de Chalon-sur-Saône á de Roubaix.

Ainda mais, a mesma gréve apresenta phases contradictorias; relativamente moderada nas revindicações, torna-se de repente violenta nas manifestações; parece desmentir-se a si mesma a cada passo. Para explicar estas dissonancias basta recordar que o partido dos syndicatos não impõe *Credo* algum e que cada um dos seus membros, unidos pelo fim commum, professa a doutrina que lhe parece. Entre elles ha communistas, collectivistas, libertarios, e anarchistas; na maior parte são reformistas sem o saber. Cada qual imprime á gréve as suas idéas, as suas utopias e o seu temperamento. Emquanto uns formulam timidamente os seus pedidos, outros alvejam a revolução, arvoram a bandeira vermelha, collocam bombas, apedrejam a policia. Por fim só se vêem e ouvem os violentos e os exaltados, e são elles que arrastam a massa dos grévistas. A gréve de Chalon-sur-Saône merece um estudo especial debaixo d'este ponto de vista.

Se os syndicateiros chegassem, por impossivel, a subtrair-se á influencia dos politicos e á tyrannia dos doutrinarios, escutariam de boa mente a voz do bom senso e da justiça. As gréves tornar-se-iam então um poderoso instrumento de reforma, e levariam a bom termo, sem grandes difficuldades, a evolução economica, cuja necessidade todos reconhecem. Mas para lá chegar é preciso começar por sujeitar a gréve ás leis do direito e da moral.

Era um Santo!

Elle já tinha ao pé de Deus, o seu cantinho,
Alma feita de luz n'um peito caridoso!
— Que era um santo, dizia o povo piedoso —
E a edade não detinha o santo no caminho.

Não ousamos mostrar-te o rosto lacrimoso;
Sustamos a dôr de te perder, velhinho...
Quizeramos tambem a tua alma de arminho,
E assim subir aos céos n'um manto luminoso.

Como um Enviado irás junto á côrte celeste
Na tunica modesta que a tua alma veste,
— E o Santo do teu nome te leve ao Senhor: —

Que a colera dos herejes tens que combater, —
E basta Deus ouvir-te pr'a que possas ser
Advogado e ministro como bom Pastor! (*)

CACILDA PINTO COELHO DE CASTRO.

BIBLIOGRAPHIA

Livros, Revistas e Jornaes

Muitas são as publicações com que os Snrs. Editores e livreiros nos véem mimoseando.

A todos a expressão do nosso reconhecimento. Longo era o artigo bibliographico d'este mez, tivemos porém que o retirar para abrir espaço a duas interessantes correspondencias que publicamos na nossa Chronica Universal.

D'esta falta esperamos que nos relevem tambem os Snrs. Redactores de excellentes revistas que nos pedem permuta e ás quaes nos referiremos no proximo numero.

As nossas illustrações

1 — FUGIDA PARA O EGYPTO. — Não podemos resistir á tentação de, aproveitando o ensejo, darmos uma descripção do facto, que representa a nossa gravura, tal qual o nosso bom povo do norte, por bocca dos seus anciãos, a historia, tim tim por tim tim, como o Padre Nosso. Interrogae sobre o assumpto qualquer *Tia Rosa* dos seus setenta para cima e vereis que vos não engano.

Escapando á matança dos Innocentes, abalaram da sua casinha, de Nazareth, a Mãe do Deus Menino e S. José. A Virgem ia a cavallo, na burrinha, e o seu santo Esposo a diante, com o caixotinho da ferramenta ao hombro e bordão na mão. Era ainda noite quando deixaram a pobre choupana. Pela madrugada, os carniceiros de Herodes batem á porta do casal deserto, para matar o menino, mas acharam tudo solitario. Desconfiados os malsins, que os fugitivos fossem os mesmos paes do Messias, de quem os Magos fallaram ao rei Herodes, vão-lhe nos passos. Porém as cotovias que, ao romper da alva, viram passar Nossa Senhora muito afadigada, voaram ao caminho e espojando-se e esgaravatando, iam seguindo e apagando os vestigios das pegadas da Sagrada Familia. D'ahi para cá, mereceram as caritativas avesinhas o distincto e honroso titulo de — Galinhas de Nossa Senhora.

Era já sol fóra quando os santos viandantes atravessavam as varzeas da Judeia. Ao passar rente d'um semeador de trigo, S. José, para o interrogar sobre o caminho a seguir para o seu destino, sauda-o e intenta metter-lhe conversa:

— O Deus d'Abrahão seja comtigo, lavrador. Então que semeaes?

— Pedra... respondeu azedamente o malcreado judeu, ficando-se a rosnar: ora o carcasso do velho não vê que era trigo!...

— Pois pedras te nasçam, respondeu mansamente S. José continuando viagem.

Ao outro dia, vindo para acabar a lavoura topa o mal respondido judeu a sementeira insada de taludos calhaus, vingança da sua má resposta.

Por voltas do meio dia encontraram outro lavrador.

— O Deus d'Abrahão esteja comtigo, lavrador. Então que semeaes?

Trigo, Senhor.

— Pois trigo te nasça, e boa colheita faças. A'manhã, de madrugada, pódes trazer segadores e metter-lhe a foice.

— Se o anno lhe correr bem e Jehovah lhe fôr propicio algo renderá, mas com mais vagares, Senhor.

— Crê-me: ámanhã segarás esse trigo. E se alguem vos perguntar, se vistes passar por aqui umas pessoas assim, assim, respondei-lhe que passaram, quando o semeaste. Jehovah fique comvosco.

(*) Traducção liberrima dos versos intitulados *C'etait un saint!* publicados no «Correio Nacional» de 16 de Dezembro de 1901, pelo illustrado correspondente do «Figaro», em Lisboa — visconde de Claverie, — em homenagem ao chorado superior dos dominicanos do Corpo Santo: o Padre Patricio Russell. A auctora é neta do grande Zeferino Pinto Coelho. N. DA R.

Continuou caminho.

No outro dia antes de queimar o sol, o fazendeiro curioso, correu á sementeira, e acha-a sazonada, loira, que era um encanto. Mette-lhe pressuroso a foice.

Estava já toda em terra, quando se sentaram os segadores a jantar á sombra d'um copado platano.

— Jehovah esteja comvosco, saudaram, á uma, uns quadrilheiros, mal encarados, de lança ao hombro.

— Não vistes passar por aqui um velhote, barba e cabello nevado, meia estatura, com uma donzella bem parecida de menino ao colo?

— Um velhote... barba e cabello nevado... passou sim, mas aqui atrazado... pela semeia d'este trigo.

— Então pegae-lhe!... Nem Belzebuth os apanha.

Apenas dois mais matreiros, desconfiados da marosca, proseguiram.

Entretanto os fugitivos iam-se afastando, mas não sem empecilhos.

Um dia ao atravessar um tremoçal secco, a burrinha tomou medo com o ruir dos tremoceiros, escapuliu-se da mão de S. José, e desatou a fugir ás cegas. Quanto mais corria mais recrudescia a rostolhada e mais desapparecia ella. Nossa Senhora que ia em risco de caír com o Menino, amaldiçoou os tremoços: dareis amargos os frutos, que ao mais forte comilão nunca a barriga encherão.

A saír do tremoçal entrou a burrinha n'um valle de fetos altos, muito seccos, que amedrontaram ainda mais o animal, que fugia como um raio. Nossa Senhora amaldiçoou tambem os fetos: nunca de vós frutos brotem, e nasçaes sempre de cabeça retorcida.

S. José tinha já perdido de vista a sua esposa e o menino. Afinal uma silva que se envincilhou, nas pernas da timida cavalgadura, quebrou-lhe a carreira. Nossa Senhora abençoou então a silva: de ti nasçam lindas flôres, e gostosos frutos de que gostem as creanças.

A viagem continuava sem novidade, quando um dia pela tardinha perceberam, que dois soldados os perseguiram. Apertados pela noite pediram poisada no logar de que se avizinhavam. Os malditos judeus, para que de manhã podessem prender o Menino, assignalaram a casa onde a Santa Familia se acoitara, com um ramo de giesta amarella. Ao outro dia porém achavam-se logrados, porque as portas e janellas de todas as habitações estavam enfeitadas com lindos ramos da mesma planta.

Os Santos Fugitivos conseguiram evadir-se ainda d'esta vez e chegar sem perigo ao seu destino.

Outras mais peripecias conta o nosso povo, com que poeticamente enfeita este facto da Historia Ecclesiastica, que me não acodem agora aos bicos da penna. E como estou muito afastado do meu Douro, e já não tenho a meu lado uma *Tia Rosa* que me elucide n'estas materias, não posso dar

mais esclarecimentos aos apreciadores da Fugida para o Egypto.

*
* *

II — Sanctuario de Nossa Senhora do Monte (Funchal).

*
* *

III — Innocencia. — Ao levantar os olhos para este bello trabalho de Foschl, quantos não deixarão rolar pelas faces uma lagrima, quantos escapar um suspiro de saudade, quantos expressões de remorso? Lagrimas de arrependido, saudades de justo, remorsos de criminoso, são os tres sentimentos que arranca á nossa alma, a lembrança da perda d'essa joia, a mais valiosa do nosso ser, — a perda da nossa innocencia. E' que a vista d'esta innocente joven de Foschl, que ama uma vida de encantos, felicidade, calma e paz de espirito, n'um paraizo terreal, traz-nos á lembrança essa quadra da vida, unica em que fômos felizes, e que se nos esvahiu, como flôr de um dia. E' que comprehendemos bem, por uma desditosa experiencia, o contraste que distanceia a vida actual, que nos acabrunha,

Innocencia

com o pezo de cuidados, soffrimentos e remorsos infinitos, e a época dos nossos tenros annos, sem sombras de tristeza, sem presentimentos de remorsos d'alma, de dôres do coração. E se tem lagrimas o penitente, saudades o justo, remorsos o criminoso para deplorar essa perda, é que ella foi grande e irreparavel.

Oh! tu Juventude, que amas ainda o aroma balsamico d'essa flôr encantadora, crê nas vozes experientes dos pobres naufragos da culpa, que tragam os amargos fructos da sua insciencia criminosa:

— Não te lances ao mar da vida, sem esta ancora, que te sustenha no procelar da tormenta, que te afogas; sem este escudo, não entres na batalha da existencia, que te matam as balas inimigas; não chegues á realidade da vida, sem este balsamo que te unja as feridas do soffrimento, que desfaleces.

Não queiras experimentar o pungir dos remorsos, que é acerbo, nem sentir o desalento que enluta o coração do que fita a eternidade com um coração ferido, que é mortal.

Olha que morosa e difficilmente cicatrizam as chagas peccaminosas da alma; e que fechem, fica sempre a cicatriz do remorso a tolher-nos os raios francos e desanuviados d'essa esperança firme, que te permitte agora fitar o Ceo sem receio, sem temor, exitação.

Cultivas com tantos cuidados os lyrios e goivos do teu jardim; disvela-te tambem pela cultura d'esta flôr, primeiro realce da tua formosura, primeiro enlevo das almas que te querem bem, tua felicidade temporal, e eterna. Que és tu, sem a innocencia, senão rosa pendida a desmaiar, sem aroma nem atractivo? Rega a miude com as aguas sacramentaes da divina graça; passa-lhe pela raiz, orvalha-lhe as petalas, com o Vinho sacrosanto que gera virgens. No meio de tantos salteadores, que tentam roubar-t'a do jardim da tua alma, só este sacramento augusto, só o Pão dos Anjos, t'a poderá defender, e conservar o viço e louçania.

Praza aos Ceus, juventude que nunca o aroma d'essa flôr se te evapore, nem as côres purpureas se te murchem, nem tantos encantos se te desvaneçam; e que volvidos tempos, chegados para ti os annos da vida real, do soffrimento e da cruz, possas ao volver as folhas d'esta Revista, ao contemplar esta joven tua irmã, sentir a doce saudade do justo a banhar-te a alma, e não o remorso do criminoso, nem mesmo as lagrimas do penitente. Posso cantar gostosamente, sentindo a felicidade dos teus primeiros, como o Poeta do Poema da Miseria, os cinco annos do seu Anjo Martyr.

Cinco annos! idade aurea!
poema de amor celeste!
abril que de amor se veste!
amor que ri em botão!

Se me lembro do preterito
e dos sonhos d'essa idade;
sinto no peito a saudade
magoar-me o coração!

pois a luz suave e explendida
do puro sol da innocencia
que nos doirou a existencia
quem que a não lembre? quem?
.....

Juntai a violeta ao lyrio,
Ao cravo, á rosa, a verbena,
juntai a branca assucena
todas as flôres de abril;

e de tão varias essencias
ninguem dos homens resume
o doce ignoto perfume
que a gente respira então.
.....

*
* *

IV—Porto da Beira (Moçambique). (1)

Chronica universal

ROMA

Continuam a circular noticias alarmantes a respeito da **saude do Santo Padre**; e nós, bem informados, mais uma vez temos obrigação de tranquilizar os catholicos dizendo-lhes que a saude de Leão XIII é excellente. Aos amantes de *coisas antigas* Deus lhe conceda aos noventa e dous annos a boa saude que a Divina Providencia vae dispensando ao Santo Padre; mau grado dos inimigos da Santa Egreja que se arreliam todos por não ver realisados os seus ardentes votos contra o Pontifice Romano.

Dominis conservet eum et vivicet eum, et beatum faciat eum in terra.

*

Sua Santidade Leão XIII celebrou um con-

(1) Veja-se na nossa chronica «Universal» o artigo de **Lisboa á Beira.**

sistorio secreto no dia 16 de dezembro passado. N'esse consistorio foram providas de pastor 16 egrejas, e expoz o Santo Padre ao collegio Cardinalicio que, desde o ultimo consistorio tinham sido nomeados por *Breve Apostolico* 41 arcebispos e bispos para as diversas Egrejas da christandade.

Entre os 57 bispos e arcebispos de todas as nações e linguas, tivemos particular alegria, de encontrar um nome todo portuguez, o do Ex.mo e Rev.mo Snr. D. Antonio José Gomes Cardozo, bispo de Angola e Congo, e outros dois nomes muito caros ao nosso paiz, os Ex.mos e Rev.mos Snrs. D. Antonio Manoel Castilho Brandão, bispo de Alagoa (Brazil), e D. João Baptista Corre Nery, bispo de Porto Alegre (Brazil).

Antes de proclamar a eleição de todos estes prelados, dirigiu Sua Santidade Leão XIII uma vibrante allocução aos Cardeaes, condemnando o **divorcio.** Eis as suas palavras: «*Toda a lei tendente a validar o divorcio, tem por objecto uma cousa illicita, e é uma flagrante injuria feita ao Creador e Supremo Legislador; essa lei poderá auctorisar uma união adulterina, porém não justificará jámais um tal connubio. E o peior é que, na pratica, será coisa tão difficil estabelecer limites ao divorcio, como impedir o desenvolvimento das mais vivas e desenfreadas paixões.*»

Estas palavras do Santo Padre foram provocadas pela Camara dos deputados italianos. Temeu o governo italiano que o paiz e opposição se occupassem demasiado do enorme *deficit*, e de outras varias questões que o levariam a uma crise violenta e breve, e por isso procuraram um derivativo para entreter o pubico.

Ora os politicos italianos, como os nossos, sabem muito bem que para agitar os povos não ha como a **questão clerical**, e por isso lá appareceu na casa dos deputados italianos em Montecitorio o espantalho do *divorcio* lançado insidiosamente por dois radicaes em nome do Snr. Villa presidente da mesma camara.

Estamos mesmo a ver o regosijo d'aquelles legisladores por lhe servirem um prato tão gostoso; e só uma forte reacção salvará a Italia d'uma das maiores desgraças qual é o divorcio.

Felizmente a Italia ainda pertence aos seus principes Pedro e Paulo, e todo o paiz está protestando contra uma tal iniquidade.

Leão XIII chama ao divorcio lei que poderá auctorisar uma *união adulterina* nunca porém justificar *um tal connubio*.

O Ex.mo Cardeal Luigi Oreglia na mensagem de boas festas que em nome do Sacro Collegio apresentou ao Santo Padre no dia 23 de dezembro, entre outras coisas diz: estamos unidos á pessoa de Vossa Santidade protestando contra a ameaça d'uma lei cujos effeitos seriam summamente calamitosos.

O Episcopado italiano seguindo a voz do Pastor Supremo, e o exemplo do Sacro Collegio não duvida affirmar que «...Se o projecto de divorcio «fôr approvado, nós bispos, e comnosco o nosso «clero cumpriremos o nosso dever ainda que te«nhamos de nos defrontar com uma lei do Estado. «Não podemos guardar silencio quando vemos «conculcada aos pés a inalteralvel lei de Christo, «nem podemos esquecer a sentença dos Apostolos «de quem somos successores: *E' mister obedecer a «Deus antes que aos homens.*»

A voz da Igreja despertou em toda a Italia as consciencias catholicas já tão perturbadas com o vago rumor que lhes vinha da camara dos deputados, e as ultimas noticias dizem que se trata em Roma d'uma reunião magna para dirigir um solemne protesto ao parlamento contra a lei do divorcio.

PORTUGAL

No passado mez de dezembro, coordenamos os factos mais importantes da vida publica do nosso paiz, sob a dolorosa impressão d'uma criminalidade sempre crescente e assustadora sobre tudo na capital, e tambem nos entresteciam sobre modo os desatinos governativos na administração dos negocios publicos, porem muito longe estavanos nós de pensar, que **a aurora do novo anno** em que entramos, despontaria tão carregada e sombria sobre a nossa infeliz patria.

Não ha duvida, e nós já aqui o dissemos aos nossos leitores, victima d'uma maldição terrivel será aquelle povo, cujos dirigentes caminham em guerra aberta contra o proprio Deus, e pisam aos pés os seus mandamentos. Tal é o Portugal moderno, esse Portugal que outr'ora armava os seus guerreiros d'uma cruz e d'uma espada antes de os enviar á propagação da Fé de Christo e dilatação do imperio lusitano, esses mesmos guerreiros que hoje se armam a si proprios com manifesto desprezo dos preceitos divinos enchendo de vergonha a patria que os elevára ao fastigio da gloria.

Mousinho de Albuquerque!... o heroe de Chaimite... o terror do Gungunhana e dos negros... e o militar condecorado pelas grandes potencias da Europa... esse homem a quem as cidades e villas consagraram uma rua e que tinha em cada portuguez um verdadeiro admirarador, esse homem poz termo á sua vida que não lhe pertencia mas sim a Deus e á sua patria. Triste! tristissimo!

Quaes seriam as causas de tamanha desgraça?

Não o sabemos nem isso nos interessa. Os jornaes de grande informação, os *libaraes*, já a estas horas devem ter pormenorisado todos os escandalos verdadeiros ou phantasiados, que levaram este infeliz a um fim tão tragico, e de que o doentio publico tanto gosta.

Pela nossa parte, como verdadeiros filhos da Egreja e verdadeiros patriotas, lamentamos profundamente um tal acontecimento.

Temos lei que nos rege e á qual devem obtemperar todos os nossos actos. Essa lei applicavel ao caso presente foi promulgada directamente pelo proprio Deus ao seu povo: *non occides*, não matarás.

Cumpra-se a lei divina n'este ponto como em todos os outros para não vêrmos o nosso pobre paiz embrulhado n'um mortuario tão vergonhoso.

*

Uma das reformas que nos ficou pendente do mez passado foi a **questão da insinuação** regia feita ao cabido da diocese de Lamego. Julgavamos que para evitar novos conflictos d'esta ordem bom seria entenderem-se as duas auctoridades religiosa e civil chegando a um acordo

qualquer e estabelecendo uma legislação que não offendesse nenhuma das partes.

E foi esta a doutrina exposta em muitos jornaes de Lisboa. Outro porém é o parecer do **Procurador da Corôa,** o Rev.º Conselheiro Antonio Candido, já celebre por um outro parecer relativo ao ensino secundario dos lyceus, ministrado por ecclesiasticos com o curso dos seminarios.

S. Exc.ª condemna o procedimento dos conegos lamecenses, e aconselha o governo que faça as nomeações dos vigarios capitulares não as deixando á eleição do Cabido.

E' effectivamente este o meio mais *regalista* e radical; não sabemos porém como o Procurador da Corôa ha de conciliar o seu *parecer* com a sua consciencia de padre catholico, e por conseguinte sujeito aos canones e leis estabelecidas pelo **Concilio de Trento.** E' mais uma demonstração hostil contra a Egreja que os catholicos devem ir registando, para a seu tempo poderem julgar os partidos militantes com verdadeiro conhecimento de causa.

*

A reforma do Banco de Portugal está cada vez mais embrulhada.

Reuniu a assembleia geral para ser ouvida sobre o tal contracto provisorio que o governo deseja; e depois de muitos discursos e algumas objurgatorias entre o snr. Conde de Burnay, Julio de Vilhena e Luciano Cordeiro, lá chegaram a um accordo de nomear 19 membros da assembléa para estudar a questão.

O snr. Jacinho Candido, illustre par do Reino, pediu á presidencia da Camara dos Pares que fossem alli enviados todos os documentos trocados entre o governo e o Banco de Portugal. Esperemos pois que os 19 accionistas em nome do Banco e o snr. conselheiro Jacintho Candido no parlamento destrincem satisfactoriamente essa reforma, que tantos amargos de bocca tem dado ao ministerio, e nós vamos á pressa passar revista ás **reformas d'este mez** que ultrapassaram todos os limites do pudor. E tão escandalosa tem sido que os proprios jornaes mais ou menos affectos ao ministerio, se mostram justamente sobresaltados. Por exemplo: o *Jornal do Commercio* diz: «E' indiscutivel que a quadra é de *brôas,* e que «n'um paiz, em que ha tantos annos já se radicou «a *empregomania* é necessario contemporisar: A «politica é isso.

«Quer-nos, no entretanto, parecer que agora «se foi um pouco longe de mais e com menos se«lecção, e isto não só pelo que já appareceu, co«mo pelo que está annunciado.

.....

«Portanto, continuemos a fluctuar á mercê «das ondas e da Divina Providencia..... que é «afinal com quem o nosso querido paiz—affirma-o «a Historia — se tem sempre encontrado, desde «Affonso Henrique até nossos dias».

A brôa (leia-se reforma) **mais importante** que o forno ministerial cozeu este mez para os seus amigos, foi a reforma da lei do sello.

Perdoem-nos os leitores, mas não podemos deixar de submetter ao seu criterio as dimensões d'essa brôa verdadeiramente escandalosa. Eis pois como ficou constituido o *exercito* do sello:

Inspector Geral de impostos (ou seja o general de divisão)	1
Inspectores superiores	4
Inspectores de 1.ª classe	10
Inspectores de 2.ª classe	24
Chefes fiscaes	50
Sub-chefes	100
Fiscaes de 1.ª classe	150
Fiscaes de 2.ª classe	500
Chefes de repartição	2
Primeiros officiaes	6
Segundos officiaes	12
Amanuenses	14
Aspirantes	4
Thesoureiro	1
Archivista	1
Ajudante	1
Continuos	3
Serventes	3
Auditor	1
Total	**887!**

Estes 887 novos empregos, representam outros tantos sugadores do pobre contribuinte pois custam ao thesouro publico a bonita somma de *261:160$000!*

E quaes os beneficios que auferem os cidadãos portuguezes d'este novo batalhão do sello? Prevemos dois; *pagar* mais uns tantos por cento nas proximas contribuições já aggravadas nos ultimos annos em mais do dobro, e serem *vexados* a cada momento pela falta d'algum sello que a lei mande pôr não sei aonde..... porque hoje tudo tem sello. Pois se até a *Divina Eucharistia* não póde ter morada entre os homens, quero dizer entre nós, sem pagar sello! E Deus queira que o novo regimento do sello se não lembre de processar a propria Divindade.

Diz o *Jornal do Commercio,* e muito bem, «que andamos á mercê das ondas»; o peór é se a onda préga com este pobre barco para cima d'algum penhasco.

Pela **nova reforma d'instrucção primaria** os professores ficam recebendo mais *um pataco,* que vale o mesmo que dois vintens. E n'isto de fórma alguma devia haver reparos, porque se ha pessoal mesquinhamente retribuido pelo orçamento do Estado são os professores e o clero parochial. A graça porém está em que o ministro reformador finge que dá o tal pataco augmentando o ordenado, e tira o mesmo valor e até mais ainda, por uma outra disposição da mesma reforma.

D'antes o professor que apresentasse a exame um alumno e este ficasse approvado tinha direito a uma recompensa de 3$000, e se habilitasse 5 receberia 15$000, ou seja egual ordenado a que lhe dá direito a tal reforma do pataco.

Esta disposição deixou de existir, e o professor que habilitar muitos alumnos pela sua assiduidade e zelo no cumprimento do proprio ministerio, receberá egualmente o mesmo pataco como um que eu conheço e que ha mais de 30 annos mestre escóla nunca se lembrou de vestir a sua casaca professoral para acompanhar os seus discipulos aos exames do lyceu, e isto porque os não julgava habilitados.

Por conseguinte a reforma do pataco foi inu-

til, e tirou aos professores um forte estimulo para o exacto cumprimento dos seus deveres. Mas... reformou-se.

E finalmente para os leitores fazerem uma fraca idéa da mania reformadora dos nossos homens publicos basta dizer-lhes que só n'um dos ultimos numeros do «Diario do Governo» contamos nós sessenta columnas cerradas de prosa reformadora, onerando o thesouro publico com a respeitavel somma de 1:000 contos; e isto fóra o que se espera.

*

Ora até que emfim cá temos **os nossos legisladores reunidos!** Sua Magestade El-Rei leu o discurso da corôa e elles de pé (contra a pragmatica) ouvem attentos as palavras do monarcha. Cheios de jubilo véem-se ali formando guarda de honra ao rei, á rainha e á côrte, e contemplados pelos quatro milhões de eleitores que os escolheram a dedo entre todos os cidadãos. Trocam os cumprimentos do estylo com os seus illustres collegas e eil-os ahi todos devotados á causa da patria de que são representantes. E para que o façam com *maior desvelo* já se vão combinando mutuamente para pedir á camara,(isto é a elles mesmo) que seja restabelecido o subsidio que antigamente se concedia aos deputados.

Mau!

Então elles tambem virão ao parlamento com a **monomania das reformas?**

Se é isto ou cousa parecida não se sabe muito bem por ora, porque o theatro ainda não deu senão alguns espectaculos, e por conseguinte não podemos avaliar as tendencias dos illustres paes da Patria.

O que é certo porém é que não estão de bom humor, pois já suspenderam duas sessões por causa dos tumultos e o snr. Alpoim cahiu sobre uma carteira e com o enorme pezo da sua humanidade, quebrou-a toda, contribuindo tambem para este funesto resultado a viva indignação de s. exc.ª (para inglez vêr como diz o snr. Fuschini) contra o governo regenerador.

Na camara dos pares o snr. José Luciano de Castro e no parlamento o snr. Beirão fizeram declarações hostis ao governo; o publico já incredulo, recebeu este simulacro de combate com um riso ironico... Como quem diz: *bem vos conheço!*

E aqui temos o resumo da politica portugueza durante este mez. *Canastradas de reformas, e descredito do parlamento; avolumando-se cada vez mais o perigo dos credores externos, que vêem com espanto como se gasta dinheiro n'um paiz individado até ás orelhas.*

*

Movimento religioso.

O Exc.mo e Rev.mo Snr. D. Francisco Vieira e Brito, Bispo dos Açores foi apresentado ao Santo Padre para preencher a vaga que se deu no bispado de Lamego pelo fallecimento do Exc.mo e Rev.mo Snr. D. Antonio Leitão e Castro, Bispo d'aquella diocese.

Espera-se por todo este mez as Bullas da Santa Sé confirmando esta eleição.

Na Sé do Porto foi sagrado Prelado de Moçambique o Exc.mo e Rev.mo D. Antonio Moutinho, com o titulo de Bispo d'Argos. Foi sagrante o Rev.mo Prelado do Porto, e padrinhos os Exc.mos e Rev.mos Snrs. Bispo de Bethezaida e Arcebispo de Mitylene.

INGLATERRA E TRANSVAAL

O ministro das colonias de Inglaterra, Lord Chamberlain, não quer para o seu paiz a paternidade de atrozes morticinios e injustiças que os soldados inglezes estão commettendo contra os boers; e por isso affirmou publicamente, que o procedimento de Inglaterra era fiel imitação dos factos succedidos em 1870 quando Bismark depois d'uma sanguinolenta guerra apresentou á França o saldo de contas, incorporando no imperio germanico as duas provincias de Alsacia e Loraina, e no thesouro tres milhares de milhões de francos. E' caso para se dizer: *ait latro ad latronem...*

O exercito allemão protestou energicamente contra o tal discurso de Chamberlaim, tornando-se cada vez mais hostil a opinião publica da Allemanha contra a Inglaterra. E mesmo n'este ultimo paiz ha uma reacção violentissima a favor da paz. Um facto curiosissimo succedido agora no districto inglez de Galway manifesta muito bem até onde o povo inglez leva já os seus protestos contra a guerra. Procedia-se alli á eleição d'um deputado, tendo sido proposta a candidatura do antigo ministro e patriota irlandez M. Plunkett. Pois os eleitores desprezaram candidatura tão sympathica e elegeram o irlandez Lynch correspondente de jornaes na Africa do Sul e que das fileiras dos boers fuzilou muitos inglezes. A sua eleição será annullada, mas n'esse caso teremos ainda maior novidade, porque será eleito o proprio Kruger; e não deixaria de ter sua graça o *Tio Paulo*, presidente do Transvaal, sentado no parlamento inglez, a pedir contas ao snr Chamberlain por consentir nos campos de concentração aquella carnificina de innocentes creancinhas e mulheres que téem cheios de indignação todos os paizes civilisados.

Porém os boers não contam com a civilisação da Europa nem mesmo com estes protestos; na sua valente espada e na sua coragem, está a confiança e o heroismo com que elles téem derrotado a maior potencia, e assombrado o mundo inteiro Com 25:000 soldados que elles téem actualmente em armas, continuam a infligir serias perdas em homens e munições de guerra, á terrivel inimiga que os persegue com 200:000 homens. A ponto que, são consideradas insufficientes estas forças, e alguem affirma que para um termo da guerra, *relativamente proximo*, é mister enviar mais 200:000 soldados.

GOA

28-11-901.

Meus Caros

Volto á **forma epistolar** porque os casos urgicos só se contam por carta. Não pensem, porém, que vou ser chronista massudo, para que aliás não tenho geito, nem fallar em assumptos tão bicudos que os leitores ahi não me comprehendam.

Vocês de certo não sabem o que é o **ranismo**, nem querem saber o que por cá vae desde que eu puz pé n'esta India, que os meus leitores só conhecem pelas *Decadas* de João de Barros. Pois a India, meus caros, é tudo menos isso que

os sabios Chronicos nos contam. Os fumos aqui teem dado volta á muita mioleira, e esta gente outr'ora pacata e religiosa anda ás cabriolas a fazer *manguitos* a tudo. Se é doutor formado em Roma lá diz aos seus admiradores, que está um furo acima do Arcebispo; se é advogado não se julga inferior ao bacharel formado em Coimbra; se é medico rivalisa em tudo com o Bombarda até em bombardices, se é... nada julga-se pelo menos philosopho sahido da costella de Brahma. Já me disseram aqui em letra redonda, que a civilisação portugueza, a lingua, a sua historia, os seus heroes não valiam uma pitada ao que a India foi e ao que ainda é. Isto está assim por graça e mercê dos... que nos governam do alto do Terreiro do Paço. O portuguez aqui vale menos que um lazarento safeiro, e a tal ponto chegou o descredito do nome portuguez que ninguem se atreve a pôr côbro a taes atrevimentos. Este povo que era tão nosso amigo e tão respeitador, hoje olha-nos com desconfiança e desprezo. Livros, folhetos, jornaes, dia a dia, incutem n'este povo asco e rancor pelo portuguez. Não exaggero.

Os erros da nossa administração, a incuria e a falta de patriotismo dos dirigentes da politica portugueza levaram esta colonia ao estado em que ora a vemos. Um partido maldito que data de 1787, epocha da *Conjuração dos Pintos*, tem conseguido desnacionalisar esta pobre terra quasi com a acquiescencia dos liberalões que teem arruinado a motropole.

Contumazes e ladeiros no seu proposito de acção dissolvente não se pejam de alliarem-se aos gentios para levar a effeito os seus loucos ideaes. Eis o que é o *ranismo*. O brahminismo e o Persismo, de que largamente tratei na minha *Goa antiga e moderna*, passa agora por esta negra transformação de alto valor historico para esta colonia e de consequencias funestas para a vida e segurança dos portuguezes aqui residentes. Esta sociedade padece de um mal egual ao que corroe a familia politica em Portugal.

Parece suspirar como os hebreus pelas cebôlas do Egypto, isto é, pelo paganismo antigo, e por isso se unem aos pagãos no odio commum contra Portugal e a religião do Crucificado. Ora este estado mental em um meio como este redobra de intensidade e torna-se quasi incuravel, sobretudo quando se pensa no calos a que chegou o nosso infeliz Portugal. E os intellectuaes de cá são muito mais terriveis que os de lá pela simples razão de alliarem ao odio religioso o odio de raça, habilmente alimentado e sustentado por uma propaganda insistente e atilada. E os nossos.... do Terreiro do Paço a tomarem isto como a quinta essescia do liberalismo mascavado!

Filho d'esta terra e amigo sincero d'este solo, a que estão ligadas as nossas mais gloriosas tradicções, não posso deixar de lamentar tudo isto: a decadencia de Portugal e a ruina d'esta terra portugueza, que o liberalismo a modernisou e apelintrou, e o maçonismo agora tenta lançar na perdição completa, como ahi preveniram os impagaveis *patriotas*, que começaram em roubar os conventos e acabam por mendigar os credores externos!

Ahi só os preoccupa o *frade*, aqui é o *branco* que atormenta uma gente doida e corrompida. Fructa do tempo! Por toda a parte o odio vem substituir a apregoada Liberdade, Egualdade e Fraternidade dos ladrões de lá e dos ladrões de cá.

Se ha coisa que mais condemne a politica dos chamados liberaes é a sorte que teve o Brazil e a d'esta malfadada terra.

Não serei mais chronista d'este cadaver que estrebucha. Já de ha muito coloquei-lhe a lapide funeraria. Se ainda viver ao tempo em que Goa deixe de ser portugueza, o meu pensamento não póde deixar de ser este! viva Portugal! — e morrerei de vergonha.

Mas antes d'isso, meus amigos, não me é licito calar. Eu seria o ultimo dos homens se n'este momento eu não berrasse de aqui aos inglorios farçantes da politica portugueza: perdestes Goa como perdestes Portugal!

Ah! se Portugal tivesse *gente* eu diria que a perda de Goa equivalia rasgar os *Luziadas*, e pôr um epitaphio na Patria Portugueza. O *finis Goæ* é o *finis Portugaliæ*.

Mas quem levantará a arvore secular da nação ruida ao pó da miseria e da deshonra pela lufada maldita do cynismo!

Só Deus! F. A.

DE LISBOA Á BEIRA

(AFRICA ORIENTAL)

C.mo Padre (1)

A bordo do «Kurfust»
12-12-901.

Não é sem certa natural reluctancia, teimosa e inveterada, que hoje começo por cumprir o que prometti de lhe escrever, uma vez por outra, após a nossa partida do saudoso e querido Portugal. Não é a **descripção** da viagem, não são nenhumas notas de curioso o que lhe vou mandar. Não sei mesmo o que sahirá dos bicos da penna. O que porém desde já lhe posso garantir, é que não será mais do que uma **amalgama de cousas**, sem nexo, nem connexão, de quem pouco habituado a escrever passa os dias aborrecido e enjoado de modos diversos e feitios differentes, suspirando sempre pelo termo da viagem. Triste vida a de bordo para quem a ella não está habituado! Tudo lhe aborrece, tudo o enfastia, não encontrando encanto nem nas harmonias da musica, nem n'outros divertimentos de bordo.

Já levamos um par de dias sobre as aguas do mar, e só esperamos chegar á **Beira** lá para o ul-

---

(1) Começamos hoje a publicar a delicada correspondencia com que prometteu mimosear-nos o nosso ex-collega da Redacção, o bom P. Raphael Maria, actual Superior da Missão Catholica da Beira.

Estas correspondencias, colleccionadas com as que de lá nos mandou o Rev.º Dr. Antonio de S. Maria — 1.º superior d'aquella missão e tambem um dos 1.ºs Redactores da *Voz de Santo Antonio*, proporcionarão aos nossos leitores ensejo agradavel de verem os progressos que vae levando a Religião no nosso Moçambique.

Quanto a nós, só temos a felicitar-nos por vêrmos como os destinos da *Voz de Santo Antonio*, estão tão bem ligados á causa missionaria, — que dos cinco sacerdotes que partiram para a Beira, 3 foram assiduos Redactores da *Voz de Santo Antonio*.

Que muito admira se o grande Thaumaturgo, a cuja sombra se vem publicando esta revista, tambem foi missionario?

Da Beira que é, por assim dizer, o primeiro ponto estratetico dos nossos missionarios, publicamos nós uma gravura.

timo d'este mez, ou primeiro do seguinte. Entraremos com as boas festas do Natal, despedidas do velho anno e boas vindas do novo. Não vamos mal acompanhados, como vê; o acompanhamento, porém de que sempre mais precisamos é da Graça divina e das orações de todos. Não esqueçam pois nunca em suas orações os pobres **missionarios** que longe de Portugal trabalharão sempre **pela sua Religião e pela sua Patria.**

*

O dia 30 do passado mez foi o da nossa **partida de Lisboa.** Eram cerca das nove horas e meia quando o vapor levantou ferro e desatracou da muralha, aonde acostára, em frente á cosinha economica da Ribeira Velha. Meia hora antes já todos estavamos a bordo do maior e mais bonito vapor da companhia allemã *Deutsche Ost-Afrika-Linie*. Pessoas amigas e de familia lá nos aguardavam tambem. Quem tiver viajado nos grandes transatlanticos d'outras companhias d'esta ou diversa nacionalidade nada tem que admirar no nosso **modesto, mas airoso Kurfurst**; vapor de 6:000 tonneladas e de andamento medio de 13 milhas por hora. Sem ser muito grande, não se póde chamar pequeno. A par de qualquer dos das nossas companhias portuguezas faria um figurão e passaria a ser um grande paquete, sem qualificativo algum depreciativo. E' de todos o mais moderno, e tão moderno que esta é a sua primeira viagem, o mais luxuoso e mais importante navio da companhia. Vamos pois embarcados n'um paquete estrangeiro, á sombra da bandeira do altivo e soberbo tentão. Que vergonha para nós, nação maritima e tão banhada do oceano, não termos sequer navios que levem os nossos passageiros e as nossas mercadorias aos portos das nossas colonias, que esta companhia explora e a cuja custa muito se tem locupletado n'estes ultimos annos !... E' convicção minha que uma companhia portugueza, bem organisada e seria, podia auferir grossos lucros estabelecendo uma carreira regular de vapores para a costa oriental de Moçambique.

A vaidade, porém, de viajar no primeiro paquete d'esta companhia, o luxo quasi exquisito do barco com seus marmores e commodidades, não compensam para mim as vantagens que alguns outros menos alterosos e de menos dimensões offerecem aos passageiros attreitos ao enjôo. A elevação d'este, posto lhe dê mais magestade e realce, mais capacidade e espaço, tambem lhe dá mais corpo de resistencia ao vento, que manso, que sopre, já o faz balançar como um berço sobre as ondas accordando em nós o terrivel enjôo, que só lembrado causa arripios, mormente quando forte e persistente.

A' hora da partida dentro e fóra do vapor, sobre o caes, havia **aglomeracão de povo.** A novidade do paquete, a despedida de amigos, a visita de conhecidos dava um aspecto variado áquella multidão em cujos rostos se liam impressões varias, oppostas, amalgamadas por vezes de sentimentos antinomicos bem differentes. Soa o

PORTO DA BEIRA (MOÇAMBIQUE)

derradeiro signal da partida, o vapor urra pela terceira vez. Mudam-se as feições de muitos, contrahem-se os sorrisos de quasi todos. A' palestra animada, cascalheira, agitada succede um susurro d'outras vozes, chorado, saudoso de corações oppressos pela lucta resistente de sentimentos em briga comsigo mesmos. Soluçam uns, annuviam-se outros, abraçam-se todos n'um amplexo affectuoso e terno, acompanhado por vezes d'estas palavras segredadas a medo : «*agora até ao outro mundo*» : «*Adeus até ao céo*». E Deus sabe quantas realidades não ficam as das mais vezes envoltas na cumprimento d'aquelles presentimentos tão alheios aos desejos d'esses corações. Em occasiões d'estas os fortes, nem sempre o são, e a furto, quasi que envergonhados de si mesmos deixam tambem que as lagrimas lhes assomem aos olhos, deslisando depois como perolas palas faces acostomadas a não as sentirem.

A ponte vae levantar-se, a confusão recrudesce, e todos se separam. A agitação borborinhosa amansa; quasi se extingue. Sobre o convez do navio ha um sudario de feições. Encostados todos á amurada repetem ainda o seu ultimo adeus, os lenços agitam-se, ouvem-se palavras entrecortadas, entreveem-se rostos que se escondem. E a marinhagem na sua labutação passando e repassando impassivel, atarefada nas suas lides de bordo. E em meio d'este desconcerto os sons alegres da musica, que, ou passam desattendidos do nosso espirito, ou mais nos vem irritar o sentimento. E o paquete a afastar-se, a fazer-se mais ao largo, os rostos a sumirem-se, os lenços a agitarem-se ainda mais adentro, os binoculos assestados procuram ainda descortinar os vultos que á margem da Tejo, sobre o caes se divisam, similhando estatuas voltadas para o vapor, até que por fim desapparecem todos, e no panorama da cidade procuram muitos divertirem-se das maguas que os pungem, ao passo que outros se recolhem aos camarotes a esconder as lagrimas que sem querer, lhes rebentam. Um silencio quasi que religioso reina entre os novos passageiros. Todos respeitam as maguas dos que se ausentam. Mais tarde, pouco a pouco, o silencio vae-se quebrando, as saudades enganando-se, os sentimentos escondendo-se, até que por fim a vida retoma o seu curso quasi normal dos que descuidados correm por sobre as ondas do mar.

*

E lá vamos nós levados na velocidade dos modernos engenhos, cruzando as nossas aguas, avançando sempre para terras mais remotas, onde nos chama o dever da vocação. Vamos e contentes partimos, como voluntarios para as luctas incruentas e pacificas do **sacerdocio e da Cruz.**

Navegando Tejo em fóra, **a alma nacional** parece que se ia retemperando na vista dos nossos monumentos, na memoria das nossas grandezas, na lembrança da pujança lusitana nos tempos aureos do nosso passado. A presença d'esses monumentos religiosos e civis destacando-se no conjuncto do grandioso macisso de granito que fórma Lisboa, fazia accordar, espairecendo saudades, a nossa fé d'outr'ora religiosa e politica.

Em meio de tantas impressões, deixando ao lado as lindas e poeticas povoações banhadas pelas aguas do rio, em cujo espelho se reveem, entramos no vasto oceano, onde o nosso barco começou a balançar-se num manso arfar de ingente cetaceo. Foi então que retirando-me ao camarote d'um amigo, depois de saber se os meus novos companheiros de mim precisavam para alguma cousa, procurei, conversando sobre cousas varias, distrahil-o das saudades que lhe faziam verter sentidas lagrimas com a lembrança da esposa querida e da filhinha idolatrada, que as circumstancias obrigavam a deixar temporariamente em Lisboa Era elle o **Dr. Luiz Antonio de Andrade** Commandante da Cavallaria indiana do Sultão de Zamzibar, a quem por diversos titulos sou muito obrigado. Fôra elle quem ainda na vespera fallára ao capitão do navio, de quem é especial amigo, em nosso favor, e quem no meu anterior regresso d'Africa, seis mezes antes, quando tive o prazer de o conhecer, me deu dinheiro mais que sufficiente para ir visitar Roma, desembarcando em Napoles, por onde o vapor fazia escala. A elle, e a sua esposa, **D. Bertha Maria Queiroz d'Andrade,** publicamente aqui lhe reitero os meus mais sinceros agradecimentos.

*

Ao cair da noute d'este dia o mar começou a agitar-se um pouco, e quando iamos ahi pelas alturas do **cabo de S. Vicente,** a agitação tornou-se mais movimentada, sem com isso ser grande. Nós, porém, que não somos nenhuns bobos do mar, começamos então a sentir os primeiros effeitos de enjôo, caindo todos successivamente : primeiro P. Serafim, depois eu e por fim P. Candido. Quem então mais soffreu foi o P. Serafim, que é extremamente facil em enjoar. Elle e eu n'essa noute pagamos o nosso tributo ao mar. O P. Candido, apezar de enjoado resistiu sempre, não sem certa inveja secreta da nossa parte. No dia seguinte já todos estavamos bons e sobre o convez do vapor podemos bem á nossa vontade observar a passagem do estreito de Gibraltar, bordando então algumas considerações sobre reminiscencias de factos historicos, suggeridas tanto pela vista da costa marroquina, como da andaluza. Depois até Napoles não mais tornamos a enjoar, a não ser o P. Serafim ainda uma segunda vez.

(Continúa).

muito melhorado de bellos artigos em prosa e verso e profusamente illustrado».

(*Gil Braz*, n.º 64).

A estes e a muitos outros collegas da imprensa que festejaram o *Almanach de Santo Antonio* no 4.º anno da sua publicação a expressão do nosso reconhecimento.

Aproveitamos o ensejo para agradecer a todos os nossos collegas de imprensa, principalmente aos que nos honram com sua visita, a boa camaradagem que nos téem sempre prestado, levando-a muitas vezes aos excessos da lisonja, com o que deveras não concordamos.

São estes os **jornaes diarios** que nos téem honrado com a sua visita: — *Jornal do Commercio, Correio Nacional, Palavra, O Jornal do Brazil Nação, Integridad.*

Revistas nacionaes: — *O Novo Mensageiro, O Progresso Catholico, A Revista Catholica, A Gazeta dos Parochos, O Oriente, Gil Braz, Educação Nacional, Athleta Christão, Gazeta Illustrada, Revista Encyclopedica, O Arauto, Novas Leituras Populares, Propaganda Catholica, Voz da Verdade, Voz da Caridade, Amigo da Religião, Esperança, Quinzena Religiosa, Boletim Ecclesiastico* dos Açores e do Recife, *Vinte e tres de Novembro, Leituras Catholicas, Illustração Moderna*, a *Moda Illustrada, Annaes da Propagação da Fé, Revista de Guimarães, Atlas de Geographia e Historia, Aurora do Cavado, Portugal em Africa, Peregrino de Lourdes, Boletim do Pão de Santo Antonio*, etc.

Revistas estrangeiras: — *La Hormiga de Oro, Ecco del Serafino de Assisi, Mensagger de Saint François, Oriente Serafico, Ecco Franciscano, Revista Franciscana, Semana Catholica, Santo Antonys Messager, Revue Franciscaine, Tribune de Saint Antoine, La Voix de Saint Antoine, Le Mois, La Civiltá Cattolica, Echos des Grottes* (Brives), *Revue des Questions Sociales, Etudes, Etudes Franciscaines, Boletin Salesiano, Pan de Los Pobres, La Lectura Dominical, Bulletin Historique, Real Academia de La Historia, La Voz de San Antonio, El Iris de Paz, Bethléem, Las Misiones Catolicas, El SS.mo Rosario, Annales des Franciscaines Missionaires, El Mensagero Serafico, Annales Franciscaines, La Cruz, Echos de Saint Francois e Santo Antoine, De Bode, Luz Catolica, Extremadura, Rosario Perpetuo, El Adalid Serafico, Florecillas, Mesajero de Corazon de Jesus, Revista Popular*, etc.

Correspondentes da «Voz de Santo Antonio», a quem os nossos estimaveis assignantes pódem satisfazer a importancia das assignaturas.

Açores, Angra. — Exc.mo e rev.mo snr. Conego Antonio Maria Ferreira, dignissimo professor do Seminario d'Angra.

Ilha das Flôres. — Santa Cruz, José Ignacio de Figueiredo.

Ilha de S. Jorge. — Villa das Vellas, Padre José Osorio Goulart.

Ilha de S. Miguel, Ponta Delgada. — Rua do Passal 9 — João Botelho Moniz.

Ilha da Madeira, Funchal. — Director espiritual do Seminario.

Alemquer. — Exc.mo snr. José Rodrigues Duarte, Fabrica da Romeira.

Arcos de Val de Vez. — Exc.mo snr. Fortunato de Sá

Aveiro. — Rev.mo snr. Padre Jo è Maria de Souza Marques.

Boticas. — Rev.mo snr. Padre Antonio Lopes Pereira, dignissimo parocho de Pinho.

Barcellos. — Exc.mo snr. Francisco Antonio de Faria

Castello de Paiva. — Rev.mo snr. Padre Francisco dos Santos e Cunha.

Castro d'Aire. — Rev.mo snr. Padre Antonio de Sousa, Abbade da Ermida.

China, Shanghai. — Exc.mo snr. Hermenegildo Antonio Pereira.

Coimbra. — Rev.mo snr. Padre João Maria Pinto da Gama Convento de S Thereza.

Covilhã. — Rev.mo snr. Padre José da Costa e Oliveira.

Elvas. — Rua da Carreira, 6, Antonio José da Costa.

Espozende, Forjães. — Reitor José Manoel Fernandes.

Estarreja. — Rev.mo Prior João Nunes Aguiar dos Santos, Fermelã.

Famalicão (Gavião). — Exc.mo snr. João José Pinto da Cruz.

Guimarães. — Ex.mo snr. José Joaquim Gomes da Silva, rua Nova do Commercio, 81 a 84.

Guarda. — Rev.mo snr. Padre Antonio Pallos Pereira, Parada.

Lamego. — Rev.mo snr. Padre José Pereira Pinto, capellão do Hospital.

Lisboa. — Calçada dos Santos, 31. — Eduardo Henrique Neves.

Louzada. — Rev.mo snr. Padre Manoel Ayres Cardoso, Avelleda.

Mesão Frio. — Rev.mo snr. Padre Antonio Guedes de Lima, Villa Jusã.

Ovar. — Dr. João Maria Lopes.

Paços de Ferreira. — Exc.mo snr. José Maria de Freitas Carneiro.

Paderne, Algarve. — Ex.mo snr. José Martins Pontes.

Paredes. — Rev.mo snr. Padre João de Sousa Pacheco, Britaraes.

Paredes de Coura. — Rev.mo snr. Padre Narciso C. Alves da Cunha.

Ponte da Barca. — Rev.mo snr. Padre Antonio Cesar d'Araujo.

Ponte do Lima. — Exc.mo snr. Manoel Antonio Gonçalves, rua do Souto, 41.

Porto. — Capella dos Anjos — Rua dos Bragas, Exc.mo snr. João Gonçalves Dionysio.

Povoa de Lanhoso. — Exc.mo snr. José M. Teixeira Malheiro, Senhora do Porto.

Povoa de Varzim. — Praça do Almada — Exc.mo snr. Moysés Nazareth de Souza Guerra.

Rezende. — Exc.mo snr. José Pinto d'Oliveira Soares.

Setubal. — Exc.mo snr. José Augusto Cardoso de Moura, rua de S. José, 33.

Silves. — Rev.mo snr. Padre José de Sousa Guerreiro, (dignissimo Prior de Silves).

Santo Thyrso. — Rev.mo snr. Padre José Vicente Correia d'Abreu, (dignissimo Abbade de Santa Christina do Couto).

Taipas. — Rev.mo snr. Padre Manoel G. Neves d'Escobar, S. Lourenço de Sande.

Thomar. — Rev.mo Snr. Padre Firmino dignissimo Vigario da Vara, Olalhas.

Torres Novas. — Ex.mo snr. José R. dos Santos Gomes.

Torres Vedras. — Exc.mo snr. José Pedro Alexandrino.

Vianna do Castello e Villa Nova de Cerveira. — Rev.mo snr. Padre Manoel José Esteves, Vianna, Collegio de S. João.

Villa do Conde. — Exc.mo snr. José Gonçalves das Neves, Arvore.

Villa Flôr. — Rev.mo snr. Padre Antonio José de Moraes.

Villa Meã. — Rev.mo snr. Reitor de Mancellos.

Villa Nova d'Ourem. — Exc.mo snr. Manoel Rodrigues Meaino, Gondemaria.

Villa Real. — Rev.mo snr. Padre Damião Martins (Collegio).

Villa Verde. — Rev.mo snr. Padre José Manoel de Macedo, Barbudo.

Em *Bragança* presta-se obsequiosamente a receber o importe das assignaturas a exc.ma snr.a D. Thereza de Jesus Vaz Granja.

Em *Chaves* a exc.ma snr.a D. Amelia dos Anjos Castro (Magdalena).

Em *Basto, Cerva* a exc.ma snr.a D. Euphrosina Candida de Almeida.

Brazil, Bahia. — Rev.mo snr. Padre Manoel da Silva Gomes, Seminario.

Diamantina. — Rev.mo snr. Padre Antonio de Sousa Neves, (E. de Minas Geraes).

Guaratinguetá. — Exc.mo snr. Victor Amadeu Veiga.

S. Paulo. — Rev.mo snr. Padre Fr. Silverio de S. Bernardo, Convento de S. Francisco.

Porto Alegre. — Exc.mo snr. Conego José Marcellino da Silva Bittencourt, (E. de Rio Grande do Sul).

Rio de Janeiro. — Exc.mo snr. J. R. Sucena, rua da Quitanda, 86 a 88.

Shangai. — Exc.mo snr. Hermenegildo Antonio Pereira.

Lembramos aos snrs assignantes que nas localidades onde temos correspondentes, é de maxima conveniencia, que reclamem os recibos sem esperarem que lhes sejam apresentados, minorando assim o incommodo, que os amigos da «Voz» têm com se encarregar da cobrança dos recibos.

Esta advertencia fazemol-a principalmente para os assignantes, que vivem distantes dos snrs. correspondentes, os quaes para lhes apresentarem os recibos têem que percorrer distancias.

Reiteramos os nossos protestos de estima e consideração a todos os nossos bons correspondentes que com tanta dedicação nos auxiliam sempre na diffusão da boa imprensa, e pedimos-lhe queiram fazer ainda mais conhecido o programma da *Voz de Santo Antonio:*

VOZ DE SANTO ANTONIO

Revista mensal illustrada

BRAGA

Fundada em 1895 a fim de perpetuar a memoria do setimo centenario do nascimento do Grande Thaumaturgo portuguez, tem esta revista, em harmonia com o seu programma, continuado até hoje, como continuará de futuro, a pugnar pela diffusão da bôa doutrina, promovendo quanto está no seu alcance as boas leituras, e defendendo sempre a verdade catholica quer pela propagação de instituições piedosas e sociaes, quer pela exposição simples e despretenciosa dos assumptos mais necessarios á vida christã. A *Voz de Santo Antonio* publica-se mensalmente, em numeros de 32 paginas comprehendendo as seguintes secções:

1 — Artigos sobre alguma questão ou assumptos de actualidade.

2 — ***Secção doutrinal,*** instructiva, piedosa e liturgica, especialmente util para todos á Ordem Terceira de S. Francisco, indicando tambem um Santo Protector para o mez seguinte, as indulgencias que se pódem lucrar n'esse mez, virtude especial a imitar e maxima, etc.

3 — ***Secção historica,*** na qual, a par de artigos sobre monumentos, datas, etc., se relatam acções e virtudes de Santos eminentes. Insére tambem pensamentos, maximas escolhidas, algumas anecdotas, contos moraes, etc.

4 — ***Leituras amenas,*** inserindo historias que instruam, divirtam e moralisem.

5 — ***Culto de Santo Antonio,*** onde se passa em revista o movimento antoniano e das instituições inspiradas pelo Santo Thaumaturgo, mencionando numerosas graças e favores attribuidos á sua intercessão.

6 — ***Secção scientifico-litteraria,*** especialmente reservada a producções de caracter mais ou menos scientifico ou litterario, incluindo poesias escolhidas de auctores contemporaneos ou já fallecidos, bibliographia e noticia elucidativa sobre as gravuras que illustram cada numero.

7 — ***Chronica Universal,*** ou breve resenha dos factos mais importantes, religiosos e politicos, do mez transacto.

8 — ***Varia,*** secção reservada a assumptos de caracter vago e indeterminado, como breves historias e narrações, casos engraçados, curiosidades, etc.

9 — Finalmente, cada numero traz uma ***Chronica ligeira*** publicada nas capas, pondo a descoberto as tramas da maçonaria, em Portugal e no estrangeiro, denunciando os seus manejos tenebrosos, archivando dados mais ou menos de molde a instruir e deleitar os seus leitores.

Além de tudo isto cada numero insére numerosas gravuras, representando factos da vida de Santo Antonio, monumentos nacionaes e estrangeiros, paisagens, etc.

Os amigos e devotos de Santo Antonio farão uma obra muito do agrado do Santo Thaumaturgo, promovendo a maior diffusão d'esta revista. O preço da assignatura é de 1$200 réis por anno, *paga adiantada*. Quem se responsabilisar por 12 assignaturas tem uma *gratis*.

VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Direcção. — Toda a correspondencia deve ser dirigida unica e exclusivamente ao Rev.º Padre Director da «Voz de S. Antonio» — Braga.

Assignatura. — 1$200 réis por anno, no reino e ilhas adjacentes; para os demais paizes accresce o importe de correio.